

Francisco Marqueline Santana

AMAZÔNIA

Terra e Gente

 **Atena**
Editora
Ano 2025

Francisco Marqueline Santana

AMAZÔNIA

Terra e Gente

 **Atena**
Editora
Ano 2025

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

2025 by Atena Editora

Projeto gráfico

Copyright © Atena Editora

Luiza Alves Batista

Copyright do texto © 2025 O autor

Nataly Evilin Gayde

Copyright da edição © 2025 Atena

Thamires Camili Gayde

Editora

Imagens da capa

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelo autor.

iStock

Edição de arte

Open access publication by Atena

Luiza Alves Batista

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo da obra e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Os manuscritos nacionais foram previamente submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial desta editora, enquanto os manuscritos internacionais foram avaliados por pares externos. Ambos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

- Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia
- Profª Drª Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins
- Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
- Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
- Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
- Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
- Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
- Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
- Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
- Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
- Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
- Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
- Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
- Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
- Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
- Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
- Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
- Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
- Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
- Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
- Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
- Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
- Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
- Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
- Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
- Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
- Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
- Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
- Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
- Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
- Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
- Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
- Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
- Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
- Universidade de Coimbra
- Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Autor: Francisco Marqueline Santana
Revisão: O autor
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
S232	<p>Santana, Francisco Marqueline Amazônia, terra e gente / Francisco Marqueline Santana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2025.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-3348-4 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.484250304</p> <p>1. Amazônia. I. Santana, Francisco Marqueline. II. Título. CDD 918.11</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

Para fins desta declaração, o termo 'autor' será utilizado de forma neutra, sem distinção de gênero ou número, salvo indicação em contrário. Da mesma forma, o termo 'obra' refere-se a qualquer versão ou formato da criação literária, incluindo, mas não se limitando a artigos, e-books, conteúdos on-line, acesso aberto, impressos e/ou comercializados, independentemente do número de títulos ou volumes. O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação à obra publicada; 2. Declara que participou ativamente da elaboração da obra, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final da obra para submissão; 3. Certifica que a obra publicada está completamente isenta de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação da obra publicada, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. A editora pode disponibilizar a obra em seu site ou aplicativo, e o autor também pode fazê-lo por seus próprios meios. Este direito se aplica apenas nos casos em que a obra não estiver sendo comercializada por meio de livrarias, distribuidores ou plataformas parceiras. Quando a obra for comercializada, o repasse dos direitos autorais ao autor será de 30% do valor da capa de cada exemplar vendido; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Em conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), a editora não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como quaisquer outros dados dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



À Alexandre Jésus de Queiroz Santiago

Procurador-Geral de Justiça do Ministério Público do Estado de
Rondônia.



À Marcos Valério Tessila de Melo

Procurador de Justiça e Diretor do Centro de Apoio Operacional
Unificado – CAOP-UNI do Ministério Público do Estado de
Rondônia.

Câmara Brasileira de Cultura



À Guálter Carrara Júnior
Presidente da Câmara Brasileira de Cultura e
Academia de Ciências e Artes

A harmoniosa e embelecida Amazônia, na suntuosidade de suas matas e de suas águas provoca ao ser um olhar devaneante e imensurável. É no lugar amazônico onde os ritos e mitos se entrelaçam num fascinante deslumbramento de suas singulares e plurais marcas sócio-linguístico-culturais.

Ornada de flores e no esplendor impoluto dos povos da floresta, a sua colossal beleza continua sendo execrada pelas mãos beligerantes do homem. A sociedade envolvente arrebatada as minorias étnico-raciais marginalizadas, provoca a derrocada de indígenas e ribeirinhos, e de forma degradante declara com o seu poder beligerante e hegemônico, o exacerbado ecocídio da mãe terra.

A generosidade suntuosa das coletividades originárias e tradicionais está perdendo de maneira embrutecida os seus ancestrais valores ontológicos de seus modos de vida. A força ignominiosa do capital ceifa o imaginário privilegiado de seus povos, o avanço tenebroso do latifúndio alavanca a desterritorialização de lares vulneráveis, e o crescimento desmedido das organizações criminosas, alimenta o ódio, e provoca sem medo o nefasto mundo da morte anunciada.

O imaculado e virtuoso lugar é nocivamente obliterado por agressões externas malevolentes que dilaceram as relações do bem viver do homem com a terra. O leitor poderá observar no decorrer dessa obra literária, a absurdez aviltante da intolerância humana, a desglobalização como substância ontológica do ser, a fronteira do humano, a flor das cinzas e uma Amazônia de luto na república brasileira.

O livro também traz a hermenêutica diatópica de mundo, a invisibilidade estereotipada da vida, a mentira ardilosa da empáfia humana, a poética mitológica do fogo, a resistência dos batelões fronteiriços, à revelia do lugar, a solidão do ato de pensar na casa ribeirinha, a substância ontológica dos povos originários, as lágrimas do Menino-boto, as vozes silenciadas, e outras relevantes temáticas abordadas no livro: Amazônia, terra e gente.

A ABSURDEZ AVILTANTE DA INTOLERÂNCIA HUMANA	1
A AMAZÔNIA DE LUTO NA REPÚBLICA BRASILEIRA.....	3
A DESGLOBALIZAÇÃO COMO SUBSTÂNCIA ONTOLÓGICA DO SER.....	5
A EXALTAÇÃO DEVANEANTE AO PAI-DA-MATA	7
A FLOR DAS CINZAS – PARTE I	9
A FLOR DAS CINZAS – PARTE II	11
A FLOR DAS CINZAS – PARTE III.....	13
A FRONTEIRA DO HUMANO – PARTE I	15
A FÚRIA DO INQUISIDOR.....	17
A GENEROSIDADE DAS ÁGUAS	19
A HERMENÊUTICA DIATÓPICA DO MUNDO.....	21
A HERMENÊUTICA DIATÓPICA DO MUNDO – PARTE II	23
A INVISIBILIDADE ESTEREOTIPADA DA VIDA.....	25
A MENTIRA ARDILOSA DA EMPÁFIA HUMANA.....	27
A NATUREZA ADORMECIDA.....	29
A POÉTICA ESTETIZANTE DAS ÁGUAS – PARTE I	31
A POÉTICA ESTETIZANTE DAS ÁGUAS – PARTE II	33
A POÉTICA MITOLÓGICA DO FOGO	35
A RESISTÊNCIA DOS BATELÕES FRONTEIRIÇOS	37
À REVELIA DO LUGAR.....	39
A SOLIDÃO DO ATO DE PENSAR NA CASA RIBEIRINHA.....	41
A SUBSTÂNCIA ONTOLÓGICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS.....	43
A Suntuosidade das Águas Amazônicas – Parte I.....	45
A Suntuosidade das Águas Amazônicas – Parte II.....	47
A Suntuosidade das Águas Amazônicas – Parte III.....	49
A Suntuosidade das Águas Amazônicas – Parte IV.....	50
A Suntuosidade das Águas Amazônicas – Parte V.....	52

AQUI TEM GENTE – PARTE VII	54
AQUI TEM GENTE – PARTE VIII	56
AQUI TEM GENTE – PARTE IX	58
AQUI TEM GENTE – PARTE X	60
AS LÁGRIMAS DO MENINO-BOTO	62
AS VOZES SILENCIADAS	64
BATELÃO, CASA E VIDA – PARTE I	66
BATELÃO, CASA E VIDA – PARTE II	68
CANTOS E ENCANTOS DA MÃE-D'ÁGUA BRASIVIANA.....	71
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE II	73
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE III	75
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE IV	77
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE V	79
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE VI	81
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE VII	82
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE VIII	84
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE IX	86
COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE X	88
COMPELIDOS PELO ÓDIO	90
FILOSOFANDO A BASTILHA	92
O CALABOUÇO DA TERRA.....	94
O ESBULHO POSSESSÓRIO DO LUGAR	96
O LUGAR DA CASA E A NATUREZA DO LUGAR – PARTE I	98
O LUGAR DA CASA E A NATUREZA DO LUGAR – PARTE II.....	100
O LUGAR INOFENSIVO	102
O MUNDO SIMBÓLICO DAS ÁGUAS	104
OS GARGALOS DA FLORESTANIA	106

OS VALORES ONTOLÓGICOS DO SER	108
PECULIARIDADES DO MUNDO RIBEIRINHO	110
RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA DA GUERREIRA BRASIVIANA.....	112
SOBRE AS ÁGUAS DO ILÍCITO	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
SOBRE O AUTOR	123

A ABSURDEZ AVILTANTE DA INTOLERÂNCIA HUMANA



Foto – Marqueline Santana

A sociedade paternalista na sua fútil incomplacência vigente continua resistindo de forma exacerbada aos ataques preconceituosos e xenófobos em desfavor das minorias étnico-raciais marginalizadas e demais classes sociais subalternizadas pelo poder hegemônico em ascensão.

O ego opróbrio e narcísico do homem, afugenta e hostiliza os valores ontológicos do ato de ser, ao tempo em que procura asfixiar a liberdade de expressão como direito fundamental das sociedades democráticas. A escabrosidade reacionária que fere profundamente o direito à vida e que busca ceifar os caminhos do bem viver, é uma mácula nociva que asfixia e que rompe com exercício pleno de cidadania.

A aversão repugnante ao outro gera sentimentos de conflito e insegurança social, provocando nas relações sociais uma espécie de ruptura entre o homem e a natureza estesiante da vida. A empáfia e o embrutecimento oriundos num determinado espaço de ação, dilaceram a benévola e pacífica harmonia entre os homens, e fragiliza o pertencimento ético e constitucional do estado democrático de direito.

A competição narcísica e estereotipada que busca depreciar os valores subjetivos da alma humana, que busca deteriorar as trilhas do empoderamento e da resiliência fraternal

e que busca rechaçar com intransigência os modos de vida de uma coletividade ancestral-cosmogônica, está promovendo o colapso sagaz da liberdade, e exaurindo ominosamente o lugar sagrado de futuras gerações.

Agir com brandura e equidade, procurar não escamotear a verdade, evitar falsear o legítimo, e não praticar atos burlescos, são características justas e clarividentes que poderão abolir ou atenuar a absurdez aviltante da intolerância humana.

A AMAZÔNIA DE LUTO NA REPÚBLICA BRASILEIRA



Foto: Marquelino Santana

Em belicoso estado de invisibilidade social, as coletividades originárias e tradicionais da Amazônia brasileira ainda sofrem com o infortúnio e desregramento do poder público vigente. A liberdade transcendental é condenada a sobreviver numa espécie de cadafalso estatal, onde a infelicidade da alma brota obsoleta e desenfreada como que implorando a libertar-se do calvário ou calabouço, que de forma coercitiva, cerceia o direito sócio-político-cultural de suas populações.

Os povos da floresta não alcançaram o berço da florestania, não conquistaram o ecoequilíbrio tão desejado, e mesmo com toda a vivacidade de suas obstinadas forças, não conseguiram – pelo menos ainda – a efetivação justa e legal de seus imaculados direitos constitucionais expressos de forma clarividente no bojo da nossa carta magna. Nessa vida proibida de ser vivida, o ser amazônico continua sendo desalojado da própria alma, e continua presenciando a delinquente e delituosa morte do seu autêntico lugar.

O dadivoso e exuberante mundo amazônico escalou os degraus do império das cinzas, foi acometida pela defraudação ardil e degradante da consciência humana, e foi posta em derrocada pelo descalabro e desdém de uma forma de governo que significa coisa pública, mas que infelizmente continua desferindo ociosidade e negligência em desfavor

de suas comunidades amazônicas. Diante desse desnorteado canal de estereótipos republicanos, faz-se necessário a adoção de novos paradigmas que atentem para o bem-estar social dos povos da floresta, e que ao mesmo tempo estanque a sangria dessa ardilosa e insolente devassidão moral.

Para o pesquisador Erik Chiconelli: “A proclamação da república nos convida a refletir sobre os desafios atuais da democracia brasileira. Questões como desigualdade social, representatividade política e participação cidadã, continuam a demandar atenção e ação. A persistência de desigualdades econômicas e sociais, que remontam ao início da república (...) permanece como um dos principais obstáculos à realização plena dos ideais republicanos e democráticos” em nosso país.

A empáfia enclausurada da mentira ardilosa, a desterritorialização enrijecida dos povos tradicionais, os engodos enigmáticos da política pública, os escárnios esdrúxulos do esfacelamento identitário nacional, a espoliação estapafúrdia do trabalho escravo vigente, e a estúrdia exacerbada do ódio profundo são retratos hostilizantes de uma Amazônia de luto na república brasileira.

A DESGLOBALIZAÇÃO COMO SUBSTÂNCIA ONTOLÓGICA DO SER



Foto – Marqueline Santana

A violência avança desenfreada, provocando um obscuro e abnegado distanciamento entre as relações sociais existentes entre o homem e a sociedade, e entre países periféricos e países hegemônicos que cotidianamente apodrecem e dilaceram o relacionamento de paz na humanidade através de um espírito degradante e belicoso, que de forma exacerbada deixa a geopolítica internacional em profundo estado de decadência, vulnerabilidade e clarividente debilidade diplomática.

Essa visão míope que danifica e abala a linguagem de caráter benevolente entre as nações torna-se depreciadora da tolerância, da brandura e da benignidade humana. Onde há guerra, não há comiseração ou complacência às diferentes diferenças sócio-linguístico-culturais de um povo, mas há uma concepção estigmatizadora e estereotipada dos valores axiológico-ancestrais dos países subdesenvolvidos e suas classes sociais subalternizadas por uma espécie de globalização econômica asfixiante que desmoraliza a vida e anuncia a sua degeneração moral.

Mas é possível diante de tanta defraudação, delinquência, atos delituosos e descalabro, pensarmos num mundo despojuado de frustração, discrepância, desilusão

e depravação de costumes? Para o escritor Pablo Solón, um mundo desglobalizado pode ser uma alternativa para pensarmos na generosidade imensurável entre o homem e a terra. Para o autor, um mundo desglobalizado é solidário com toda vítima de violência, desemprego, despojo das fontes de sobrevivência e desastres naturais.

Conforme nos diz Pablo Solón: “a desglobalização implica uma mudança profunda de nossa relação com o sistema da terra para reconhecer e respeitar os limites e os ciclos vitais da natureza, assumindo que nenhuma atividade econômica, geopolítica ou tecnológica pode agravar o desequilíbrio com o qual já sofremos. A desglobalização só é possível se descarbonizarmos a economia, se frearmos o desmatamento e a destruição da biodiversidade e se cuidarmos da água. Trata-se de colocarmos a dimensão humana e ambiental à frente do processo de integração”. Ressaltou o autor.

A EXALTAÇÃO DEVANEANTE AO PAI-DA-MATA



Foto – Marquelino Santana

O caboclo beiradeiro, raiz do chão amazônico, atento aos varadouros da mata e protegido pelas encantarias mitológicas que espiritualmente invade a sua imaculada alma, é um guardião ancestral da exuberância cósmica da terra que chega a divinalmente sentir os impetuosos malefícios que atuam em desfavor do sentimento de generosidade pela natureza inefável.

Certo dia, várias crianças dos seringais brasivianos do rio Abunã saíram para pescar. Felizes, eles narravam as histórias noturnas que aprenderam com as narrativas de deus pais e avós, sobre o poder transcendental dos seres encantados que moravam no esplendor da mata e nas dádivas das águas embelecidas. De repente surgiu um conturbado e desmedido banzeiro que provocou o desaparecimento das crianças e das canoas em que navegavam.

Meio ao estado de infortúnio e balbúrdia, as vozes foram ceifadas, as forças foram debilitadas, e aquele momento de dor e desespero, fez com que uma brisa maviosa caísse em profundo desânimo. Mesmo triste e esmaecida, a brisa conseguiu entrar em cada lar ribeirinho, provocando um sentimento de angústia na alma dos pais das crianças que haviam saído para pescar. O vento manso assobiava uma sonoridade aguda vindo do

meio da mata, como que anunciando o acontecido às famílias ribeirinhas. Era um chamado divinal-ritualístico das árvores.

Angustiadas, as famílias adentraram em seus batelões e foram percorrer o rio Abunã à procura dos filhos, até então, desaparecidos. Como sustentáculo espiritual, as embarcações foram misteriosamente guiadas por uma imensa revoada de Garças-brancas-grandes (*Ardea alba*), orquestrada com o original som de um canto de chamado e apelo. Depois de navegarem por aproximadamente três horas, os batelões pararam e atracaram às margens da copa de uma mata, onde curiosamente todas as Garças-brancas pousaram sob um silêncio jamais visto.

Mas o silêncio foi imensuravelmente rompido pelo esplendor formidável e encantador do assobio poético-estetizante da verde mata. O assobio ecoava vindo de um antigo varadouro que dava acesso a colocação Baturité e as suas tradicionais estradas de seringa. Quanto mais o assobio aumentava, mais as árvores se balançavam, enquanto os ribeirinhos caminhavam incansavelmente à procura dos filhos, percorrendo os seringais do rio Abunã.

Mas repentinamente a mata fica em silêncio profundo, e os ribeirinhos imediatamente param de caminhar. A briosa mata na espiritualidade impoluta e suntuosa de suas árvores, utilizou-se de sua transcendental imaterialidade benevolente para preservar a volúpia da vida humana. Tudo ficou quieto e nenhum barulho se ouvia, até que uma criança gritou em voz alta: - estamos aqui!

Todos correram para o local do grito, e naquele lugar sagrado estavam as crianças, vivas, com saúde e todas sentadas ao redor de uma linda seringueira. Naquele momento um velho seringueiro de 92 anos, fechou os olhos, ajoelhou-se, ergueu os braços, e em agradecimento e devoção, fez a sua exaltação devaneante ao Pai-da-mata.

A FLOR DAS CINZAS – PARTE I



Foto – Marquelino Santana.

No útero da terra mãe, uma semente germina como que implorando para nascer e transformar-se numa vida feliz capaz de honrar e descansar no fulgente colo da verde mata em estesia.

Soprando a copa dos vegetais, o vento manso percebe que o rebento cresceu e desenvolveu-se de forma harmônica e apazível, entrelaçando as suas vivificantes raízes nas veias abertas de cores líquidas que correm concatenadas, banhando o corpo da Mãe-d'água e lavando a alma dos briosos e benevolentes povos da floresta.

Mas a exacerbada estúrdia da consciência humana em derrocada - desprovida de tolerância e benignidade - provoca de maneira fútil e execrada, a morte do imensurável e inefável habitat natural amazônico. As veias secam, o lugar esmaece, o chão esturrica e a vida é violentamente extirpada diante da imprecação horripilante do ecocídio planetário em agonia.

A imensurável florestania do homem com a terra é odiosamente ceifada e impiedosamente condenada ao malogro pela incúria estatal vigente e por uma sociedade envolvente reacionária e espoliadora da dadivosa e complacente terra mãe.

Na clarividente abominação e aversão de uma conjuntura nacional e internacional que privilegia o poder do capital e fortalece os estados beligerantes, é possível acreditarmos que da catástrofe ambiental e do flagelo humano ainda possa surgir uma flor das cinzas.

A FLOR DAS CINZAS – PARTE II



Foto – Marquelino Santana

Na maledicência da desonra pública, a floresta continua exposta à lamúria e ao martírio incontrollável do fogo criminoso e da insaciável mente devastadora da vida em mendicância. No labéu da mendacidade humana como resultado opróbrio da globalização em ascensão, os povos originários são cotidianamente submetidos à insolência e perniciosidade de uma sociedade envolvente que nocivamente vai obliterando os seus tradicionais modos de vida.

Na Amazônia peculiar e plural, Huni Kaxarari passeava em sua mahe (aldeia) admirando a suntuosa e fulgente natureza divina. Sorridente, a criança brincava sempre ao lado de Isuma, o seu querido macaco de estimação. Na espiritualidade da mata transcendental, os dois nunca se separavam, e conviviam imbricados na simbólica e heterotópica liberdade do espaço vivido poético-estetizante.

Cansado de passear ao lado do seu Isumaka Txixi (Macaco-aranha), Huni sentou-se na sombra de uma hiwi (árvore) de Anu (Jatobá), e ao longe avistou uma imensa nuvem de kwani (fumaça) próximo à sua xumitxaki (casa). Preocupado, ele correu velozmente igual a uma (Inawaka Iraki) Onça-Pintada num varadouro que o levava até a maloca onde morava.

Ao chegar à maloca, Huni a encontrou toda queimada e um Kariwa (homem branco) portando uma kanatahi (espingarda). O txi'i (fogo) se espalhou ao redor de toda a sua mahy (aldeia), e Huni não teve como escapar das fortes chamas e caiu sobre o mawi (chão). O chão começou a shalwahi (queimar) e o himi (sangue) de Huni espalhou-se sobre a mapu'u (cinza). Naquele momento o batxi (sol) correu para avisar a Tsurá (Deus) da morte de Huni, e tudo ficou escuro na mawi (terra). Tsurá ordenou que o sol voltasse para iluminar a mawi e chamou a waka (água) para encher uma grande neitxi (nuvem) e a soprou a até a maloca de Huni.

Tsurá atirou uma lança na nuvem que a atravessou de um lado ao outro, e a água caiu sem parar durante três dias. A mawi (terra) bebeu toda a água da nuvem, e das cinzas nasceu uma linda hihuwa (flor). A flor se transformou em Huni, e ele voltou a viver. O guerreiro da ninamytsha (floresta) voltou a ser um bypy hawyiama (homem livre): possui pushkata (arco), pyia (flecha), tsakatahi (lança) e hiatu (machado). Finalmente Huni conseguiu neamahi (defender) a sua mahy (aldeia) e conquistar a grande pimaky (vitória) sobre o Kariwa (homem branco).

Para o pesquisador João de Jesus Paes Loureiro, na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. Para o mesmo autor na vida amazônica a mitologia reaparece como a linguagem própria da fábula que flui como produto de uma faculdade natural, levada pelos sentidos, pela imaginação e pela descoberta das coisas.

A FLOR DAS CINZAS – PARTE III



Foto – Marquelino Santana

As cinzas parecem provocar toda uma agonia ao nosso ser, uma espécie de distanciamento e aversão à exaltação sublime da natureza encantadora. Mas há também, uma clarividente existência de uma flor que provoca um deslumbramento fascinante entre a benevolência humana e a suntuosidade inenarrável da natureza e toda sua exuberância cósmica que celebra o advento do bem viver.

Para Pablo Sólon – ativista ambiental boliviano – o objetivo do bem viver é a busca do equilíbrio entre os diferentes elementos que compõem o todo. É uma convivência harmônica não apenas entre seres humanos, mas também entre os humanos e a natureza, entre o material e o espiritual, entre o conhecimento e a sabedoria, entre diversas culturas e entre diferentes identidades e realidades vividas.

A ascensão das cinzas ecoa como uma adoção criminosa à xenofobia, como uma violação pugnaz ao sistema internacional de proteção aos direitos do homem e da natureza, e como uma subserviência tacanha e perniciosa que culmina com a obliteração martirizante dos povos da floresta. Estamos assistindo a um verdadeiro conciliábulo externo que coercitivamente surgiu para anunciar o malogro dos modos de vida ancestrais das minorias étnico-raciais marginalizadas da Amazônia brasileira.

O escritor Pablo Sólon nos diz que é preciso nos libertarmos das amarras das categorias coloniais que limitam a nossa imaginação. Para ele é necessário derrubarmos falsas barreiras entre a humanidade e a natureza, e dizermos em voz alta aquilo que pensamos, superando o medo de sermos diferentes e restaurando o equilíbrio dinâmico e contraditório que foi rompido por um sistema e um modo de pensar dominantes.

Derrubemos, portanto, o império das cinzas, e criemos como bem diz Pablo Sólon, um ponto-chave que promova “o encontro com nossas raízes, nossa identidade, nossa história e nossa dignidade”.

A FRONTEIRA DO HUMANO – PARTE I



Foto: Marquelino Santana

Na aversão doentia ao outro, a xenofobia reina triunfante colocando em privação e cárcere fronteiriço, as minorias étnico-raciais que sem pátria e sem mãe, são afrontosamente subalternizadas por um poder hegemônico totalitário e reacionário que de forma malevolente execra e degrada delinquentemente as populações originárias e tradicionais da Pan – Amazônia.

Por mais obstinadas que sejam, essas coletividades amazônicas são criminalmente alijadas de seus direitos humanos internacionais e ao mesmo tempo, são estereotipadas e estigmatizadas de maneira desumana por atos desditosos e descomedidos, oriundos de uma fronteira desregrada e belicosa que asfixia sem comiseração a briosa liberdade existente entre o homem e a natureza encantatória.

A derrocada humana fronteiriça é danosamente condenada a uma espécie de cadafalso público, que diante de um grande infortúnio e infelicidade, sofre cotidianamente no calabouço causticante da vida. Nessa celeuma e imbróglio da geopolítica internacional, a diplomacia é impiedosamente ceifada de brandura, tolerância e benignidade humana.

Nessa balbúrdia de ameaças e insultos e de sons cacófatos e imorais, as coletividades fronteiriças continuam enfrentando o descalabro e o desdém do desespero

e da desterritorialização delituosa do lugar. Um lugar agora desirmanado da terra pela arrogância e pela frustração de ser literalmente destruído das asas libertas do bem viver.

Um lugar sem mácula, um lugar suntuoso, um lugar virtuoso que alçava voo em asas de inegável talento, era o lugar da volúpia e da vivacidade, e agora tornou-se um espaço de embuste, de escárnio e sem escrúpulo, que de maneira esdrúxula abre caminhos para a passagem do ilícito e para a extinção da fronteira do humano.

A FÚRIA DO INQUISIDOR



Foto – Marquelino Santana

Tudo aquilo que anula, suprime e revoga de maneira aviltante a liberdade de expressão, que arrebata e fere os princípios democráticos da cidadania, de forma grosseira e insolente, que combate a ética e a decência, com rancor e antipatia, que embrutece com escárnio a interação ética e profissional da própria instituição, que fabrica dados espúrios e inconsistentes do intuito de estereotipar a presença do ouvinte, e que macula nocivamente a complacência do diálogo, fica visível e clarividente, a prática abusiva e reacionária do sujeito, que em vez de dialogar, opta por ser um cidadão agressivo, autoritário e antidemocrático na sua fala de investigação inquisitória.

Para o antropólogo e linguista italiano, Maurizio Gnerre, o que ele chama de “decadência do diálogo”, reduz a posição do ouvinte ou interlocutor até o ponto de desaparecer qualquer referência direta ou indiretamente, a favor de um discurso abstrato e absoluto. Segundo o autor, é um discurso em última análise do poder onde apenas a fala de uma única pessoa é favorecida, reduzindo a participação do interlocutor ao silêncio.

O falante, muitas vezes, ou quase sempre, enxerga a sua fala hegemônica de dominação, como um discurso “competente”. Para a filósofa e escritora brasileira, Marilena Chauí, o discurso “competente”, se instala e se conserva, graças a uma regra que poderia

ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa a qualquer outro, em qualquer ocasião ou em qualquer lugar. Com essa regra, segundo a autora, ele produz a sua contraface: “os incompetentes sociais”.

Segundo esclarece Marilena Chaui, “É a noção de competência que torna possível a imagem da comunicação e da informação como espaço da opinião pública, imagem aparentemente democrática, e, na realidade, antidemocrática por excelência, pois ao fazer do público espaço de opinião, isto é, essa imagem destrói a possibilidade de o saber à condição de coisa pública, isto é, de direito à sua produção por parte de todos”.

Chaui nos instiga a entender, que o chamado discurso competente é o discurso do especialista, proferido de um ponto determinado da hierarquia organizacional, autorizados a falar e a transmitir ordens aos degraus inferiores e aos demais pontos da hierarquia que lhe forem paritários. Para a mesma autora, esse discurso não exige uma submissão qualquer, mas algo profundo e sinistro: exige a interiorização de suas regras, pois aquele que não as interiorizar corre o risco de ver-se a si mesmo como incompetente, anormal, antissocial, como detrito e lixo.

Nesse sentido, a fala hierarquizada, muitas vezes intencional, pode causar ao ouvinte, um ignominioso constrangimento durante uma interação social, afetando emocionalmente a sua identidade, diante, principalmente, de uma informação autodirigida, por uma espécie de chamada de atenção à fúria inquisitorial investigativa, devidamente encomendada e que abala de forma escabrosa os pilares de uma gestão verdadeiramente democrática e inclusiva.

Dessa forma, é preciso atentar para que qualquer instituição pública, adote uma ética gestora sem represália, que seja capaz de receber da sociedade a relevância do reconhecimento por sua manifestação honrosa, pela tolerância e pelo respeito às diferentes diferenças. Uma gestão que fortalece a democracia é uma gestão que valoriza e semeia os princípios constitucionais da cidadania, e não uma gestão que prefere, em vez disso, possuir aversão ao outro, ser perseguidora e xenófoba, promover o cruel constrangimento, e se espelhar na produção e reprodução da fúria do inquisidor.

A GENEROSIDADE DAS ÁGUAS



Foto – Marquelino Santana

A sua harmonia e embelecimento provoca o deslumbramento e a volúpia da natureza em estesia. É fabulosa e fascinante sob o olhar daqueles que continuam acreditando e preservando as suas passagens silenciosas ou barulhentas das suas imensuráveis manobras encachoeiradas que suntuosamente encanta a impoluta e complacente morada humana da terra.

A sua colossal viagem abraça o mundo, contagia olhares do campo a cidade, e abrem veias no chão para oferecer a humanidade o seu mais precioso e dadivoso alimento. Ela é poetizante, e por isso, enriquece a linguagem poética, e torna cada vez mais sonhador, o poeta que sobrevive entranhado à sua radiante beleza. O filósofo e poeta francês, Gaston Bachelard, nos diz que o poeta mais profundo encontra a água viva, a água que renasce de si, a água que não muda, a água que marca com seu signo indelével as suas imagens, a água que é um órgão do mundo, um alimento dos fenômenos corredios, o alimento vegetante, o elemento lustrante e o corpo das lágrimas.

A sua virtuosidade inenarrável com seus encantos e encantarias, renasce fenomenologicamente na essência da alma que nos inspira a escrever com o prazer inefável dos sentidos. Sobre esse fascínio das águas, o geógrafo Eric Dardel, nos informa que “por

sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente ou pelo movimento ritmado das vagas, as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação. Palavra discreta ou turbulenta, acariciante ou ameaçadora, que dá ao rio ou ao mar uma personalidade”.

A sua corrente sem mácula vivifica o ser, exalta as árvores que para sobreviverem sugam a sua doçura com as suas raízes e abastece a alma do caboclo da Amazônia pelas vias prazerosas da vida. Para o escritor João de Jesus Paes Loureiro, “por essa via prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontáveis tonalidades de verdes, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime”.

A sua iniludível beleza na sua desmesurada magnitude, transporta com empatia e exuberância, uma autêntica rede de ensinamentos para sensibilizar a consciência humana de que é possível homem e natureza sobreviverem entrelaçados sem precisar utilizar a cruel ferramenta da violência. Respeitemos a generosidade das águas!

A HERMENÊUTICA DIATÓPICA DO MUNDO



Foto – Marqueline Santana

A fenomenologia cosmopolita de ser-no-mundo encontra na perspectiva cotidiana de “Ser e Tempo” um entranhamento mavioso e natural de um pertencimento mútuo que entrelaça o homem aos seus modos de vida, e que ontologicamente o ser do ente vai transcendentalmente apreendendo todas as atividades existenciais do espaço vivido.

Esse heterotópico pertencimento de uma visão holística de mundo, se estende de forma singular e plural, construindo e reconstruindo as pirâmides interculturais de enraizamentos material e imaterial que na volúpia prodigiosa dos sentidos vai lapidando e modificando a condição humana através da sua peculiar ocupação existencial. Segundo a pesquisadora e filósofa, Lígia Saramago, a ocupação humana no trabalho, leva, portanto, às configurações de regiões e lugares do entorno do mundo, bem como à sua rede de

encontro, basicamente ao tornar presentes para nós aquilo que está ao alcance direto das mãos: as coisas, instrumentos e utensílios que nos cercam cotidianamente.

Essa empatia desmesurada da cotidianidade entre as relações estetizantes do homem com a terra, em vez de provocar um epistemicídio cultural, vai abrindo caminhos de cooperação e integração, entranhando as coletividades do lugar na construção de um mundo mais justo e tolerante para todos. Para Eduardo Marandola – geógrafo e professor da Unicamp – o lugar enquanto circunstancialidade abre a possibilidade de pensar seu sentido mais essencial, ligado à mundanidade do mundo cotidiano. Para o mesmo autor, o lugar continua a operar como centro cognitivo, afetivo e lógico do nosso mundo vivido.

É justamente esse mundo vivido proposto por Marandola, que o escritor português Boaventura de Souza Santos, propõe uma hermenêutica diatópica de uma concepção multicultural de direitos humanos, que se baseia na ideia de uma cultura que por mais forte que seja, continua viva de incompletude, e carente de novos olhares que aceitem e abracem outras culturas diferentes.

Segundo Boaventura, o objetivo da hermenêutica diatópica, não é, porém, atingir a completude, mas, pelo contrário, ampliar ao máximo a consciência da incompletude mútua através de um diálogo que se desenrola, por assim dizer, com um pé numa cultura, e outro noutra. Para ele, nisto reside o seu caráter diatópico.

A HERMENÊUTICA DIATÓPICA DO MUNDO – PARTE II



Foto – Marquelino Santana

Os tradicionais e originários modos de vida da florestania amazônica estão cada vez mais caindo no ardiloso e fatídico estado de invisibilidade sócio – político – cultural do território brasileiro. Nessa jactante bazófia do status quo vigente que visivelmente agride os excluídos da matéria florestal é uma horrenda clarividência do espetáculo frio e dominante, oriundo das garras da indômita globalização hegemônica em ascensão.

Segundo o escritor português Boaventura de Souza Santos, a globalização hegemônica é uma nova fase do capitalismo global, constituída pela primazia do princípio do mercado, liberalização do comércio, privatização da economia, desregulação do capital financeiro, precariedade das relações de trabalho, degradação da proteção social, exploração irresponsável dos recursos naturais, especulação com produtos alimentares e mercantilização global da vida social e política.

É justamente essa exploração irresponsável dos recursos naturais e a mercantilização global da vida social e política, aqui apontadas por Boaventura Santos, que continuam asfixiando e deteriorando os poucos filhos que restaram da mãe terra. Indígenas, ribeirinhos e quilombolas, por exemplo, continuam sendo de forma despótica e ardil, excluídos e marginalizados, diante de um domínio materialista que oprime a vida

e o ser ontologicamente hermenêutico. Para o filósofo alemão Martin Heidegger “na hermenêutica configura-se ao ser aí como uma possibilidade de vir a compreender e de ser essa compreensão”.

Heidegger nos diz que isso possibilita interpretar ontologicamente o significado de ser um ser dentro do mundo. Para ele, ser no mundo não quer dizer aparecer entre outras coisas, mas significa, ocupar-se no circundante mundo, vir ao seu encontro, e demorar-se nele. Enquanto isso, o geógrafo Werther Holzer, também ressalta, que o mundo para uma ciência fenomenológica está na essência do significado de todas as coisas, e ele se remete diretamente ao ser, enquanto o ser também se dirige as coisas e se interroga sobre o seu sentido.

Os povos originários e tradicionais da Amazônia brasileira convivem entrelaçados às coisas da mãe natureza. Ser e mundo são fenômenos indissociáveis de um lugar hermeneuticamente ontológico e transcendentemente celebrado pela exuberância cósmica de suas encantarias florestais. Que a poética estetizante da vida continue generosa e sem mácula, e que a virtuosidade dos povos da floresta jamais se renda às debilidades estruturais da ilicitude de grupos parasitários.

A INVISIBILIDADE ESTEREOTIPADA DA VIDA



Foto – Marquelino Santana

O zurzir do tratamento malevolente contra as populações originárias e tradicionais da Amazônia brasileira, continua surtindo efeitos tácitos e truculentos que visivelmente viola os seus imaculados valores constitucionais do Estado democrático de direito. Essa vulnerabilidade social demonstra claramente a ausência de políticas públicas efetivas que verdadeiramente cumpram com o que reza a legitimidade dos direitos humanos expostos no bojo da nossa carta magna.

A morosidade tecnocrata estatal parece suprimir a eficácia de um planejamento justo, ético e inclusivo, que realmente avance no sentido de atender aos interesses legais dessas minorias étnico-raciais marginalizadas do nosso país. A voz suplicante dessas coletividades ecoa sentenciada à subserviência de um poder público que comunga com os caprichos capciosos de uma sociedade envolvente reacionária e espoliadora das riquezas naturais dessas populações que afeta diretamente a biodiversidade, a sustentabilidade e a qualidade de vida de suas comunidades.

O espírito pugnaz da prevaricação acelera nocivamente o tratamento desumano de postergação aos direitos humanos dos povos da floresta. É a catástrofe de um território plangente que morre cotidianamente diante da insolência perniciosa que elimina a axiologia

sócio-linguístico-cultural de uma herança ancestro-cosmogônica de uma exuberância cósmica milenar. É um território visivelmente condenado ao malogro e a obliteração de um bem viver injustiçado pelo ápice da desonra pública.

Da liberdade ao patíbulo, o espaço vivido ancestral ruiu ao opróbrio como produto da mendacidade e da linguagem persuasiva do ódio. O terror da mendicância é uma vergonhosa chicoteada pública que desterra um coletivo da mata para uma hostil segregação socioespacial urbana, onde a vida é futilmente proibida de ser vivida. Nesse sentido, a flagelação se entrelaça a falácia para promover o advento exacerbado da exclusão social vigente.

Extirpados do lugar original pela violência da execração humana, as coletividades da mata em agonia, perderam o brilho do entusiasmo e da vivacidade, e foram arditamente exauridos pelo escárnio esdrúxulo da empáfia, do preconceito e da intolerância danosa e discrepante. O bem viver foi enclausurado no féretro da terra, enquanto os ancestrais modos de vida, caíram definitivamente na invisibilidade estereotipada da vida.

A MENTIRA ARDILOSA DA EMPÁFIA HUMANA



Foto – Marquelino Santana

O ato arrogante de vituperar e vociferar o discurso injurioso do ódio, alimenta e dissemina ações ilegais e aterrorizantes do comportamento humano. A linguagem persuasiva malevolente é violentadora das leis constitucionais vigentes que garante ao cidadão os seus direitos, as suas liberdades civis e a inviolabilidade imaculada da vida.

Sem essas garantias fundamentais, a impoluta e briosa democracia brasileira torna-se hediondamente ferida e desonrada, visto que a virtuosa cidadania deixa de ser plenamente exercida na sociedade, promovendo danosamente o conluio crapuloso da devassidão, da libertinagem e do desregramento abusivo e desdenhoso do status quo vigente no país.

O eminente jurista brasileiro, Hélio Pereira Bicudo, nos diz que diante de um quadro contrastador, convém reafirmar que a cidadania só se constrói dentro do Estado de direito democrático, respeitando-se as instituições estabelecidas pelo povo nas suas constituições. Hélio Bicudo, ainda nos alerta ao dizer que “não é isso o que pretendem os segmentos mais conservadores da sociedade brasileira, quando tentam desfigurar o significado da representação política. A cidadania somente existe e cresce na medida em que os representantes do povo verdadeiramente o representam”.

Quanto ao discurso do ódio, a jurista Samantha Ribeiro nos esclarece que “o discurso do ódio precisa ser combatido pelo Estado democrático de direito, nesse particular, não há qualquer divergência. Mas a essência do sistema democrático, do pluralismo e da garantia da liberdade de expressão, exige uma discussão ampla e aberta, na qual prevaleça a convivência pacífica das ideologias e opiniões. Não existe democracia sem liberdade de expressão do pensamento”.

O ódio profundo é propulsor de guerra, é uma manifestação xenófoba e desditosa da fala e da escrita, é uma ideia exacerbada e bestializada do ser, é um ato de superioridade ao outro e da demolição da condição humana, é um estado de arrogância e de incitação à discriminação racial, social, religiosa, de gênero, ideológica, inclusive em desfavor das minorias sociais marginalizadas da sociedade.

O discurso do ódio incita hodiernamente a violência, causando medo, pânico e terror, tornando-se tenebrosamente as mazelas e os gargalos do mundo moderno, e criando figuras fundamentalistas possuídas por debilidades que sustentam e financiam a mentira ardilosa da empáfia humana.

A NATUREZA ADORMECIDA



Foto – Marquelino Santana

Se a escabrosidade humana não afugentar as águas com abominação e abrutamento, talvez a essência divinizada da terra recupere a sua fascinante forma estetizante da vida e reestabeleça a exaltação dos sentidos dos povos originários e tradicionais da Amazônia brasileira.

Se a exacerbada agrura do homem deixar de extirpar a verde mata com avidez e insolência, talvez a exuberância cósmica e a fecunda terra, adquiram o natural direito de sobreviverem diante da morte anunciada da rica e exuberante biodiversidade do ecossistema planetário.

Se a força ignominiosa do poder afrontoso do capital não resultar no desregramento institucional público, talvez o orçamento de verbas destinadas à prevenção e combate às ações delituosas da mata amazônica não seja cada vez mais reduzido, e sim, fortalecido, dando prioridade principalmente às operações de combate ao crime organizado que danifica e abala os pilares democráticos da florestania.

Se os orçamentos públicos não forem delituosamente canalizados e espoliados pela degeneração moral do poder hegemônico privado e estatal, talvez a derrocada humana

não caia em descalabro, e saia do desmedido desmazelo que na sua fútil devassidão provoca a profunda execração da imensurável terra mãe.

Se a sociedade envolvente ignóbil e reacionária, deixar de violar e banalizar os direitos constitucionais vigentes, provocando danosamente os processos de degradação social e ecológica da Amazônia, talvez um dia, possamos acreditar na suntuosidade deslumbrante da natureza adormecida.

A POÉTICA ESTETIZANTE DAS ÁGUAS – PARTE I



Foto: Marquelino Santana

A magnitude das águas está internalizada nos devaneios da alma ribeirinha. Ela corre de forma desmesurada e transcendental, abraçando e protegendo os palcos florestais do ecoequilíbrio encantatório e divinizado das coletividades humanas da Amazônia brasileira.

Para Gaston Bachelard – filósofo francês de Bar-sur-Aube – a água nos aparece como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. E mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Para Bachelard, uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, ela tem a garantia de uma unidade, e que a água deve sugerir ao poeta uma obrigação nova: a unidade de elemento.

Segundo o geógrafo francês, Eric Dardel, o domínio das águas é inseparável do espaço verde e está do lado da vida. Para ele, o espaço aquático é um espaço líquido, torrente, riacho ou rio, que corre e coloca o espaço em movimento. Dardel nos diz que o rio é uma substância que rasteja e que serpenteia. O mesmo autor nos revela que as águas deslizam através do frescor dos bosques espessos e docemente agitados.

A marca de um encontro poetizante

De águas amazônicas divinizadas

De águas escuras e águas amareladas

Faz surgir um cenário exuberante
Num estado de alma devaneante
O seringueiro medita no batelão
No silêncio de sua imaginação
Ele sente o espírito da natureza
Vê nos rios, sua inefável grandeza
Incorporado de peculiar cosmovisão.

A exuberância cósmica dos rios, alimenta o ser de suas coletividades, promove os devaneios de suas encantarias, exalta de forma inebriante a sua benevolente simbologia, cria e recria de maneira heterotópica os ritos e mitos ancestrais de suas populações, e cotidianamente renova a poética estetizante das águas.

A POÉTICA ESTETIZANTE DAS ÁGUAS – PARTE II



Foto: Marqueline Santana

A prática leviana de atos burlescos oriundos de uma parcela privilegiada da sociedade, coloca de forma fútil e grotesca, a florestania amazônica em estado indolente de infortúnio e menosprezo social excludente.

Uma dessas práticas defraudadas e degradantes é de forma clarividente as nocivas mudanças climáticas que desenfreadamente prejudicam a originalidade dos ciclos das águas, resultando em secas e enchentes incessantes no ambiente planetário imensurável.

As águas dos rios Mamu e Abunã brotam os seus lençóis subterrâneos no Município de Santa Rosa del Abunã no Departamento de Pando, se entrelaçam silenciosamente na Região da Ponta do Abunã até despejarem suas fulgentes e suntuosas águas no rio Madeira, ainda na mesma região.

O Abunã e o Mamu vivem entrelaçados

Sem nenhuma balbúrdia ou barreira

Suas águas ensinam que na fronteira

Os laços não podem ser desatados

Os homens não devem ser postergados

Nem humilhados na sua liberdade
Tolerância, brandura e sensibilidade
São esteios que iluminam o ser
As águas ensinam que o bem viver
Deve ser a alma da coletividade

O embelecimento harmonioso do ecoequilíbrio ambiental evita de forma justa e consciente o anunciado ecocídio planetário. A união de todos no enfrentamento da crise hídrica declarada, constituem um relevante conjunto de ações para que ontologicamente possamos contemplar de maneira devaneante a poética estetizante das águas.

A POÉTICA MITOLÓGICA DO FOGO



Foto – Marquelino Santana

Talvez o tição de fogo subtraído do veado velho por Beud (irmão de Nambu e Antoinká) – povo indígena Macurap – acabasse com a grande friagem que sacrificava o seu povo. A bela narrativa de Buraini Andere Macurap – In: “Terra Grávida” de Betty Mindlin e narradores indígenas – demonstra que Beud, irmão mais novo do Deus Nambu, não tivesse agido da forma mais correta, mesmo tentando salvar a sua família do frio degradante. Beud ao roubar o tição de fogo do veado velho, Buraini nos conta que Beud para poder atravessar o rio, teria transformado o tição de fogo num calango, mas ao chegar à aldeia foi duramente repreendido pelo irmão Nambu que imediatamente apagou o fogo do tição, e através de dois fechos de paus criou o fogo próprio do povo Macurap sem precisar fazer mal a ninguém.

Talvez o pássaro pica-pau vermelho – dono do fogo – tenha se distraído e facilitado a fuga do fogo pela sabedoria de Kawewé e Karupschi. Nessa original e notável narrativa de Eroné Jabuti, os dois planejaram uma forma de levar o fogo do pica-pau para ajudar na sobrevivência de seu povo. Eroné narra que Kawewé virou-se numa abelha, enquanto que Karupschi se transformou numa formiga. A abelha entrou no olho do pica-pau, e a formiga o mordeu, enquanto isso Kawewé roubou o machado dele, e Karupschi roubou o fogo.

Finalmente o fogo foi distribuído a todo povo Jabuti, e assim, eles puderam comer carne assada e também diversas outras comidas na maloca.

Talvez o céu tivesse caído e se destruído para sempre, se dependesse da maldade do diabo Kupekarantô. Em sua narrativa, Galib Pororoca Gurib Ajuru – tradução de Marina Jabuti e Sérgio Ajuru – nos conta que o céu já havia caído três vezes e matado muita gente, e que Kupekarantô (diabo) queria derrubar o quarto céu para acabar com o mundo. Ele era o dono do fogo, e segundo Galib Ajuru, ele possuía fogo nas mãos, no nariz e nos pés, mas graças a intervenção dos irmãos Xtarontin e Wakowereb, o diabo não conseguiu derrubar o céu. Os dois irmãos se transformaram numa grande mutuca que entrou na venta de Kupekarantô e chupou todo o seu sangue, levando-o à morte. O dono do fogo foi destruído, e o céu foi salvo para sempre.

Talvez o homem branco contemporâneo aprenda com os narradores indígenas – livro Terra Grávida – e decidam apropriar-se do bem, lutando contra o fogo degradante que insiste em destruir a Amazônia. Talvez...

A RESISTÊNCIA DOS BATELÕES FRONTEIRIÇOS



Foto – Marquelino Santana

Na Amazônia Sul – Ocidental brasileiro – boliviana as águas dos rios se entrelaçam harmonicamente numa benévola e natural demonstração de uma cultura de paz internacional. Nessa suntuosa paisagem de fascinação deslumbrante, os rios abrem as suas desmesuradas veias para receber a impoluta passagem dos históricos e tradicionais batelões fronteiriços.

Essa tradicional embarcação tornou-se um essencial e indispensável meio de transporte durante os dois grandes ciclos de produção da borracha natural nos seringais amazônicos. Para o escritor e jurista Pedro Ranzi, o batelão é uma embarcação regional que serve para transportar pessoas, animais ou mercadorias; construído de madeira com motor de centro ou na popa (rabeta).

O batelão navega no aconchego das águas fronteiriças e na alma imaculada de seus navegantes ribeirinhos. Esse natural imbricamento entre o homem e os marcadores históricos dos seringais amazônicos, contempla empaticamente as peculiaridades e as pluralidades de um espaço de ação onde os seus atores sociais constroem e reconstróem nas temporalidades do cotidiano os seus tradicionais modos de vida.

Sem malogro e desbrio, os batelões fronteiriços continuam embelezando a fabulosa mata, e vivificando a cosmopolita mundividência humana de seus sujeitos históricos. Esse inefável e generoso lar fluvial segue remando e metamorfoseando o sentimento ribeirinho, e nessa briosa reciprocidade, o homem e o batelão, navegam mantendo os laços de comunhão pela vida e preservando as tradições culturais da fronteira Brasil – Bolívia.

Às margens do rio Abunã, os batelões fronteiriços continuam resistindo à anátema desenvolvimentista do capital desregrado e a exploração predatória da natureza, e entre sequelas e gargalos, o povo ribeirinho continua lutando com empatia, tolerância e brandura, sem a necessidade desumana de macular a degradação do outro.

À REVELIA DO LUGAR



Foto – Marquelino Santana

Na imbricação indissociável do homem com a terra brota o sentimento e o pertencimento de brandura e empatia pelo lugar. O lugar é singular e plural, e nesse holístico cosmopolitismo dos modos de vida, o ente humano amazônico vai cotidianamente alimentando o seu ser e apreendendo no espaço e tempo a sua própria existência transcendental.

Nesse cenário poético-estetizante do lugar, a vida é metamorfoseada e vivificada no espaço de ação, enquanto as tradicionais coletividades da Amazônia são veneradas e acolhidas com benevolência no fecundo útero natural da terra mãe em estesia. As almas amazônicas são divinalmente concatenadas com a generosidade do lugar, e nesse prazeroso e aconchegante encontro, a vida é renovada como dádiva fenomenal da natureza embelecida.

O aprazível lugar na sua iniludível magnitude e no peculiar entrelaçamento com o homem, faz brotar o bem viver em toda a sua originalidade. O bem viver torna-se a alma das coletividades a partir do momento em que o lugar é também preservado nas suas singulares características sócio-linguístico-culturais. Esses relevantes aspectos são marcas históricas do ser e tempo, são marcas que constituem a evolução humana do ente,

e que são internalizadas na alma das comunidades sem que haja ruptura ou dilaceramento nas suas relações sociais com a terra mãe.

Mas infelizmente o ódio e aversão da sociedade envolvente como parte integrante da globalização em ascensão, provocaram sérias alterações nessas relações sociais, deixando nas tradicionais coletividades amazônicas, rastros de miséria e desolação daqueles que lutaram secularmente pela manutenção original do lugar, mas que diante do avanço desenfreado do capital foram embrutecidamente submetidas à derrocada humana vigente.

Desterradas da terra mãe pela degradação delinquente da vida, condenadas pelo descabro e desregramento estatal, e assoladas esdruxulamente pelo crescimento dos velórios florestais, essas coletividades, outrora ribeirinhas, atualmente seguem marginalizadas pelas relações de dominação e exploração das grandes metrópoles e sobrevivendo miseravelmente à revelia do lugar.

A SOLIDÃO DO ATO DE PENSAR NA CASA RIBEIRINHA



Foto – Marquelino Santana

Concentrar-se fenomenologicamente na solidão não significa um processo de distanciamento ou isolamento com o instigante ato de pensar. A solidão não abdica ao ato de conhecer e não provoca uma ruptura entre a liberdade, os modos de vida e o ser.

O pensar benevolente entrelaçado aos valores do cenário da natureza e imbricado à cotidianidade da terra mãe, elimina o infortúnio e reacende a dinamicidade da felicidade das coletividades originárias e tradicionais da Amazônia no sentido de evitar a degradação do espaço de ação e evitar o colapso da biodiversidade e o consequente ecocídio planetário.

A casa ribeirinha não é adepta da derrocada humana, é nela onde brota o ontológico ato de pensar e o sentimento de perenidade da alma com a vida. Esse imaculado sentimento de relação do homem com a terra, gera uma poética estetizante que preza por uma visão holística de mundo e pela complacência e deslumbramento de uma transcendental exuberância cósmica em profundo estágio de beneficência espiritual.

Se para Gaston Bachelard a casa é o nosso canto do mundo, para Eric Dardel, a inserção do homem no mundo é um lugar de um combate pela vida, a manifestação do seu ser com os outros e a base de seu ser social, assim como para o escritor Otto Bollnow, a

casa segue sendo, num significado profundo, um território inviolável da paz, e desse modo é nitidamente separada do mundo inquieto lá fora.

A solidão do ato de pensar na casa ribeirinha evita o sentimento de tristeza e frustração, e na contemplação de suas águas amazônicas, promove o embelecimento da memória coletiva e de um axiológico imaginário familiar da vida humana planetária.

A SUBSTÂNCIA ONTOLÓGICA DOS POVOS ORIGINÁRIOS



Foto – Marquelino Santana

A mãe terra com o seu divinizado manto verde e com o seu brioso e fecundíssimo útero cosmopolita, proporcionou aos seus generosos e impolutos rebentos florestais, o virtuoso direito há uma vida sem ódio, sem mácula e sem hostilização. O suntuoso espaço vivido seria dadivoso e complacente, o natural ato de sobreviver seria justo e obstinado, e as relações de plurivalência das coletividades originárias, jamais seriam dilaceradas por ações delituosas e pela malversação e banalização das estruturas democráticas e dos orçamentos públicos constitucionais.

Para a economista francesa Geneviève Azam – professora da Universidade de Toulouse-Jean-Jaurès – todas as tendências de tradição socialdemocrata têm o crescimento como condição para a justiça social. Para Azam, essas tendências, acreditam em crescer o bolo para reparti-lo, sem se preocupar com a receita e os ingredientes. Dessa forma, segundo ela, essa visão reduz a política à dimensão da gestão. No entanto, segundo a mesma autora, a justiça social não pode ser confinada a um crescimento redistribuído, pois tal conquista só é possível pelo reconhecimento da dignidade original para todos os humanos, e é inseparável da preservação das condições materiais dessa dignidade.

Justiça social e dignidade não são indissociáveis, a tecnocracia estatal vigente não deve violar ou suprimir o que reza a nossa Carta Magna, o espírito belicoso do poder reacionário hegemônico não pode perpetuar a desonra pública, enquanto a globalização econômico-financeira, também não pode condenar os povos originários amazônicos ao seu etnocídio final. A execução horripilante não cessa, a espoliação de seus territórios tornou-se uma devassidão, as coletividades entraram em derrocada, a desterritorialização corre desenfreada e a demolição humana, virou, enfim, uma triste realidade.

É preciso acreditar no fortalecimento de uma democracia participativa que verdadeiramente alimente a alma das organizações sociais indígenas, e que respeite a autonomia de uma autogestão administrativo-orçamentária que dialogue coletivamente com transparência e visibilidade, a lisura de suas próprias políticas públicas, sem a interferência dos gargalos e amarras coercitivas do processo homogeneizante da globalização.

Agora, quanto ao modelo de desglobalização, o ativista ambiental, Pablo Sólon, nos diz que esse modelo não é uma substituição ao processo homogeneizante da globalização, mas para ele, abre caminhos para abraçar a diversidade e incentivar uma integração que respeite e promova múltiplas visões, e novas formas de autodeterminação, onde essa desglobalização seja capaz de ser alimentada por diferentes perspectivas para criar uma integração para os povos e a natureza.

A Suntuosidade das Águas Amazônicas – PARTE I



Foto: Marquelino Santana

O embelecimento harmonioso das águas alimenta a poética estetizante da volúpia da imaginação amazônica. Preservar esse mais preciso alimento da vida é também preservar de forma consciente a sobrevivência do deslumbramento planetário.

A água mata a sede de forma transcendental

Sem ódio, sem dor e sem amargura

A água pura não nos leva à sepultura

Ela é o nosso berço divinal

A água é alma materna universal

De uma longa ancestralidade

A água é a luz da cotidianidade

Com toda a sua benevolência

A água é o símbolo da nossa existência

Que não pode perder a sua liberdade.

A generosidade impoluta das águas não provoca mácula nem devassidão, não provoca delito nem descalabro, não provoca dissídio nem discrepância, e não provoca o

embuste ardiloso desumano de uma sociedade reacionária que contribui nocivamente para a sua fúnebre e insensata extinção.

A imensurável água corre complacente para alimentar a vida, o beiradeiro entra em devaneios às suas margens, a graciosidade das cores provoca uma chama em seus olhos, as suas manobras radiantes lavam as paredes dos barrancos, enquanto a verde mata agradece de forma briosa a sensação refrescante em suas raízes estetizantes.

No cenário do prazer dos sentidos, as populações ribeirinhas se sentem prodigiosas, os palcos florestais se sentem inefáveis, o mundo imaterial renova as suas encantarias, enquanto a humanidade em exaltação, agradece a dádiva da suntuosidade das águas amazônicas.

A Suntuosidade das Águas Amazônicas – PARTE II



Foto: Marquelino Santana

A harmoniosa e embelecidas águas adormecem as raízes da verde mata, esse estesiante entrelaçamento se torna cada vez mais fabuloso e estetizante quando o homem respeita os direitos sagrados da natureza deslumbrante.

Esse deslumbramento ornado de flores é um esplendor magnífico e colossal que nossa cotidianidade está de forma esdrúxula sendo extirpado dos modos de vida dos povos da floresta, que padece diante da grandeza horripilante do capital em ascensão.

O fulgente brilho das águas na sua magistral generosidade de cores naturais está sendo criminalmente ofuscado por atos inescrupulosos da mão humana insaciável por fama e poder. O imensurável e impoluto mundo amazônico que surgiu rico e complacente está se despedindo da humanidade para trilhar os caminhos fúnebres dos velórios florestais.

A pujante liberdade das águas continua sendo asfixiada por um poder dominante reacionário que insiste em desafiar o Estado democrático de direito. Os radiantes rios estão perdendo seus percursos naturais, enquanto as suas briosas águas estão sendo cruelmente envenenadas pela delinquência desumana que procuram arrancar da terra as riquezas ancestrais dos povos originários do mundo amazônico.

Esse virtuoso mundo das águas nos provoca o prazer dos sentidos, essa volúpia inenarrável da vida nos provoca a maviosidade do ser, e esse inefável e encantador lugar precisa continuar vivo e protegido pela suntuosidade das águas amazônicas.

A Suntuosidade das Águas Amazônicas – PARTE III



Foto – Marqueline Santana

O ódio humano é subserviente aos ataques que grosseiramente suprimem os valores ontológicos do ser. Os atos ilícitos e tacanhos da mente do homem estão eliminando o que de mais precioso possui a humanidade: a água com toda a sua originalidade e bem viver.

A truculência humana viola com desrespeito a imaculada água que nos alimenta e elimina os sagrados direitos de tê-la em nosso lar divino. Visivelmente a mão humana nos condena a caminhar rumo ao ecocídio planetário, postergando a vida, e de forma cruel e pugnaz, exterminando a natureza e seus inefáveis rios que banham a verde mata.

O obscurantismo insano e doentio do homem, é uma obsessão que oblitera a vida, e nessa extrema humilhação e desonra pública, a opulência degradante do capital vai arquitetando o patíbulo de execução social das minorias étnico-raciais marginalizadas que resistem e lutam de forma obstinada para manter viva a benevolente água da humanidade.

A perniciosidade da sociedade reacionária envolvente perpetra sem perspicácia ações insolentes que de forma malevolente arruína toda uma biodiversidade planetária que depende exclusivamente de a água para poder sobreviver. Essa maledicência que condena a ética ao malogro, se torna um verdadeiro martírio, principalmente para as populações ribeirinhas que sem a cotidianidade da água estão de forma clarividente condenadas ao fracasso e a miserabilidade social vigente.

Vítimas do labéu da desonra, as coletividades amazônicas sofrem com a lutulência do desregramento estatal, sofrem com a insídia humana que transforma o lugar tradicional num lugar inóspito, e sofrem com o sentimento de invisibilidade provocado pelo incauto e pela incúria do impropério humano em ascensão.

A Suntuosidade das Águas Amazônicas – PARTE IV



Foto – Marqueline Santana

Uma criança ribeirinha sente-se feliz ao sentir na sua imaculada alma a harmoniosa e embelecida água que de forma deslumbrante faz parte dos seus peculiares modos de vida. Nessa fabulosa cotidianidade ela entra em seus profundos devaneios para dialogar com os mitológicos deuses da floresta.

A criança é fenomenologicamente alimentada em seu ser pelos valores axiológicos ancestrais que no seu imaginário privilegiado faz parte de uma celebração divinal entre ela e a natureza estetizante. Essa singular celebração vivifica a exaltação dos sentidos e de forma desmesurada contagia transcendentemente o exercício original da liberdade humana em estesia.

Nas espacialidades e temporalidades da vida a criança é agora um jovem sonhador que sentado à beira do rio Abunã vai ao encontro amoroso dos prazeres sentimentais da bonita e encantadora cabocla amazônica. O tapiri coberto de palha e com assoalho de Paxiúba é o seu mais generoso lar onde os seus virtuosos filhos irão também apropriar-se das encantarias ancestral-cosmogônicas herdadas da inenarrável memória coletiva familiar.

Nesse tradicional espaço vivido, aquela criança, aquele jovem e aquele pai de família, agora é um exímio avô que conta as suas ancestrais narrativas e que alimenta

seus amados ouvintes com as inefáveis e prodigiosas histórias herdadas de impolutas e briosas gerações do cenário florestal da fronteira inebriante do humano.

Ele narra o tempo em que o caboclinho-da-mata corria por entre árvores agora sepultadas, narra o tempo em que o pai-da-mata assistia feliz a orquestra florestal dos cantos dos pássaros agora extintos, e narra o tempo em que o menino-boto brincava com as suas fenomenais acrobacias nas suntuosidades dos rios amazônicos, agora transformados em estradas de terras secas e esturricadas pela ignorância da mente humana.

A Suntuosidade das Águas Amazônicas – PARTE V



Foto – Marquelino Santana

Eu vi a nascente do rio Mamu – Bolívia – brilhar suntuosa na região pantanosa de Santa Rosa del Abuná. Nesse habitat natural de sucuris, as águas desse importante afluente do rio Abunã – fronteira do Estado de Rondônia com o Departamento de Pando – correm entrelaçadas à verde mata pandina da Amazônia Sul – Ocidental brasileiro – boliviana.

Eu vi o rio Mamu mergulhar
Nas águas do Abunã em estesia
Eu vi a alma dessa fenomenologia
A mãe-d'água pelo boto se apaixonar
Eu vi o caboclinho-da-mata pastorar
Os animais da sua caça desumana
Eu vi uma mente despótica e tirana
Se dirigir ao pai-da-mata com delinquência
Eu vi o rio Madeira pedindo clemência
Àqueles que agem de forma insana

Eu vi o rio Abunã mergulhar nas inefáveis águas do rio Madeira que alimenta uma singular e plural biodiversidade amazônica. Nesse cenário ambiental de um clima em metamorfose, as tradicionais populações ribeirinhas, resistem heroicamente a essas alterações climáticas naturais, à revelia dos desafios enfrentados pelo poder público em combater aos ataques predatórios da sociedade envolvente.

Eu vi a mata perder a sua poética
E a extinção de seus deuses mitológicos
Eu vi o ser com seus valores ontológicos
Perder o brilho e a grandeza da estética
Eu vi o homem rasgar o código de ética
E destruir o que a nossa alma sente
Eu vi o ódio destruir o ambiente
E sepultar o sentimento de lugar
Eu vi o homem insistir em degradar
Desalojando a alma de nossa gente

Eu vi a guerra incessante do capital, promover estereótipos e estigmatizações, buscando desterritorializar as coletividades do lugar, e anunciar os embustes e engodos de uma parcela da sociedade reacionária que continua ceifando a suntuosidade das águas amazônicas.

AQUI TEM GENTE – PARTE VII



Foto: Marqueline Santana

Na beira do rio também mora a imaginação, um imaginário indissociável dos devaneios poéticos e das apropriações simbólicas do ser em estesia. Para João de Jesus Paes Loureiro, o pensamento simbólico atribui a fatos da natureza a condição de causa de fenômenos, unifica a pluralidade, no devir de um todo intimamente relacionado com realidade e imaginação.

O homem ribeirinho vive a metamorfosear o seu desmesurado mundo, e com a sua encantatória empatia, ele transcende o seu pensamento diante da magnitude ancestral-cosmogônica que alça voo na peculiar linguagem de sua cultura e de sua generosa alma.

O escritor Paes Loureiro nos diz que essa cultura é o campo de significação da arte como de tudo. Para o mesmo autor, a cultura é matéria em que o artista modela sua criação, uma vez que através dessa ambiência criada é que o homem vive e transforma a própria realidade.

O beiradeiro na sua sublime plurivalência, possui um peculiar sentimento de criação das coisas que briosamente fazem parte da sua vida material e imaterial. Essa suntuosa arte original são atividades que cotidianamente constituem os valores ímpolutos do seu espaço vivido.

A aventura dessa arte – conforme bem ressalta Paes Loureiro – não hesita diante de novos caminhos e absorve com avidez a incessante criação de novos objetos. O povo ribeirinho continua dando a volúpia demonstração de que é possível sobreviver sem agredir a natureza embelecida. Aqui tem gente!

AQUI TEM GENTE – PARTE VIII



Foto – Marquelino Santana

Os cabelos da mãe-d'água-brasiviana não convivem em dissensão com as matas e com os rios da floresta amazônica. Eles estão divinalmente entranhados no colo da mãe terra, e, portanto, também estão entrelaçados na alma de suas coletividades ribeirinhas.

Os ensinamentos da mãe-d'água são de equidade, brandura, resiliência e empoderamento nas relações cotidianas e complacentes do homem com a natureza. O cabelo, o canto e a beleza exuberante são peculiaridades virtuosas que alimentam os modos de vida dos povos da floresta.

Os seus encantatórios cabelos se espalham imbricados às raízes das árvores numa imensurável demonstração de amor e proteção à volúpia inenarrável da verde mata. Os seus cabelos são generosamente protegidos pelo pai-da-mata, pelo menino-boto, pela mãe-da-seringueira, e por uma diversidade de deuses mitológicos que habitam e organizam o mundo ancestral-cosmogônico da terra mãe.

Conforme nos informa o geógrafo Eric Dardel, a terra no universo mítico, é origem. Ela é a fonte da vida, é de onde os homens saem, assim como todos os seres e os contrários que eles vigiam durante toda a sua vida, é fonte das relações e das obrigações filiais.

A mãe-d'água-brasiviana continua estetizante na sua sagrada espiritualidade de preservar o bem viver, e de mostrar àqueles que insistem em violentar as nossas almas, que nós continuamos lutando e resistindo em defesa da florestania. Aqui tem gente!

AQUI TEM GENTE – PARTE IX



Foto: Marquelino Santana

O homem ribeirinho na sua desmesurada magnitude humana, trabalha na sua imaculada empatia no sentido de preservar de forma consciente, o exuberante ecoequilíbrio planetário que o faz acreditar imensuravelmente na axiologia ontológica do bem viver sem que haja o agravamento de políticas verdadeiramente democráticas e inclusivas para os povos da floresta.

Geneviève Azam – pesquisadora francesa, economista e professora da Universidade Toulouse-Jean-Jaurès – esclarece que no bojo de sociedades fundadas sobre o crescimento, a paralisia deste significa recessões econômicas insustentáveis, com a explosão da miséria, o agravamento de políticas produtivistas e extrativistas, e abalos democráticos.

Segundo nos diz Geneviève Azam:

“A conferência das nações unidas sobre o meio ambiente e o desenvolvimento, também conhecida como Eco – 92, fez dessa proposta sua coluna vertebral. No entanto, a explosão das desigualdades e a superação dos limites ecológicos tornaram obsoletas quaisquer esperanças de desenvolvimento sustentável”.

Para as populações ribeirinhas da Pan – Amazônia, o desenvolvimento sustentável está sendo embrutecidamente arrancado de suas almas e de seus modos de vida tradicionais. As diretrizes neoliberais e a globalização econômica e financeira continuam arrebatando com ódio e antipatia as coletividades originárias e tradicionais dos briosos e impolutos lugares amazônicos.

Não deixemos a verde mata morrer
Porque juntos seremos condenados
Não deixemos que inocentes sejam sacrificados
Porque a massa humana precisa sobreviver
Não deixemos o nosso povo perecer
Porque a vida vive triste e doente
Não deixemos de plantarmos uma semente
Porque precisamos de fé e esperança
Não deixemos a tristeza abater uma criança
Porque sabemos que na floresta tem gente!

AQUI TEM GENTE – PARTE X



Foto: Marqueline Santana

Os povos originários e tradicionais da floresta amazônica ou aqueles que lutam e resistem por um pedaço de terra para sobreviverem, infelizmente são historicamente hostilizados, resultando em números absurdos que alimentam as páginas hediondas da hecatombe humana em ascensão.

Essas minorias sociais marginalizadas são visivelmente arrebatadas pelo ódio, sofrem com o descalabro anunciado, convivem cotidianamente numa espécie de gólgota, e continuam sendo tenebrosamente segregadas por um poder dominante tacanho e ominosamente desregrado, mas esse poder, ao mesmo tempo, teme, com o fortalecimento dessas minorias, através da complementaridade de suas forças sociais.

Segundo Pablo Sólon – Escritor boliviano que serviu como embaixador da Bolívia nas nações unidas entre 2009 e 20011 – a complementaridade significa complementar-se e completar-se. É buscar construir um todo diverso, é dialogar entre diferentes, é aprender e contribuir com o outro, é reconhecer forças e fraquezas para integrar-se e transformar-se durante essa interação.

Pablo Sólon ainda nos alerta com a seguinte reflexão a respeito da complementaridade entre o bem viver:

“A complementaridade entre o bem viver, o decrescimento, os comuns, o ecofeminismo, os direitos da mãe terra, a desglobalização e outras propostas busca enriquecer cada um desses enfoques, criando interações cada vez mais complexas que ajudam no processo de construção de alternativas sistêmicas. O objetivo não é apresentar uma alternativa totalizante mas desenvolver múltiplas alternativas holísticas que se entrelacem e se articulem”.

Ao se articularem, os povos da floresta estarão evitando o dilaceramento de suas relações com a natureza, estarão mantendo o entranhamento imaculado com a terra mãe, estarão preservando as suas memórias coletivas, e estarão nos momentos de harmonia com a vida, fortalecendo o esplendor planetário e a sua colossal exuberância cósmica.

AS LÁGRIMAS DO MENINO-BOTO



Foto – Marqueline Santana

Às margens estetizantes do rio Mamu, na reluzente floresta pandina boliviana, estava uma bela e deslumbrante criança, celebrando em devaneios cintilantes as águas que silenciosamente banhavam os seus pés nas proximidades do velho tapiri onde morava.

Sempre que a criança estava triste o menino-boto aparecia e ambos nadavam sorridentes na maior felicidade nas águas prazerosas e vivificantes daquele mavioso rio fronteiriço da fronteira Brasil – Bolívia. A cena era tão majestosa que o pai-da-mata sorria, a mãe-da-seringueira dançava, o caboclinho-da-mata pulava e o velho-da-canoa como sempre ficava feliz por atender aos desejos de uma criança que antes de se encontrar com o menino-boto estava solitária e tristonha.

Durante a noite no seringal “Potossi”, o pai da linda criança, adormecido em sono profundo sonha como o velho-da-canoa. O velho-da-canoa aparece aos seringueiros brasivianos apenas enquanto eles dormem, e dessa forma na transcendental cosmogonia ribeirinha, o pai da criança recebe a seguinte mensagem daquele venerado ser mitológico:

- A sua filha está doente. Ela está com malária e ardendo de febre. Você precisa levar a sua filha urgente para o Hospital de Extrema, pois “milicianos” armados estão chegando para prender todos vocês e roubarem toda a produção da nossa comunidade brasiviana.

O seringueiro acorda atônito e angustiado e imediatamente corre para a rede da filha para averiguar como ela estava. Ao encostar a sua mão no corpo da criança, ela estava ardendo de febre, e a família ficou atormentada com o estado de saúde da filha. Desesperados, os pais entram no batelão com destino ao distrito de Extrema, mas infelizmente os manifestantes que se intitulavam “campesinos” ou “Zafreros”, atravessaram cordas e correntes no rio Mamu para que nenhuma embarcação pudesse se deslocar do local de conflito, mais precisamente na comunidade Puerto Bolívar no Departamento de Pando.

A criança ficou agonizando por aproximadamente três dias numa rede armada no batelão. Ao redor da embarcação o menino-boto olhava tristonho para a criança e não entendia porque tamanha hostilização, infortúnio e absurdez entre os seres humanos. Por fim, ao sentirem a gravidade do estado de saúde da criança, os líderes do movimento autorizaram a passagem do batelão onde a criança agonizava esmaecida.

O menino-boto acompanhou a embarcação até o Porto Extrema no rio Abunã, onde o batelão ficou atracado. Com o corpo gelado a criança foi socorrida até o hospital regional, mas infelizmente já chegara sem vida. Diante de tanta dor e lamentação a família entra em derrocada e vai ao chão. Envolvido por um véu branco e divinal a criança levanta-se da sua fúnebre matéria, e como que se despedindo, beija os entes queridos e alça voo com destino às margens do rio Abunã para celebrar o último adeus ao menino-boto.

Ao ver a criança transformada em anjo, o menino-boto entra em desespero e fica estagnado sobre as águas sem demonstrar nenhuma reação, pois sabia que a benévola relação de amizade entre eles parecia ter chegado ao fim. O anjo lhe abraça e lhe beija, e pede para ele não ficar triste, pois irá viver feliz em outra dimensão da vida. No momento da viagem eterna, a natureza tomba entristecida.

O pai-da-mata se lamenta, a mãe-da-seringueira fecha as suas veias, o caboclinho-da-mata para de pular, o velho-da-canoa parou de remar, e a mãe-d'água brasiviana em profunda consternação recebe as comovidas e pesarosas lágrimas do menino-boto.



Foto – Marquelino Santana

O aviltamento opróbrio de agressões externas ao lugar amazônico é uma prova irrefutável da crueldade e absurdez humana doentia. A desterritorialização das populações originárias e tradicionais da Amazônia asfixia a dignidade humana e desonra de maneira esdrúxula a nossa soberana carta magna brasileira.

O exacerbado poder escalado no ápice da pirâmide social vigente, encurrala e extermina os povos da verde mata através de um dissabor alcantilado da vida que avassala e sepulta o lugar, e ainda condena de forma horripilante os saberes populares alojados divinalmente nos valores humanos ontológicos da imaculada alma em agonia.

Uma árvore que tomba é uma vida que perde a humanidade, uma família desterrada é uma afronta ao seu país, um filho que clama por um pedaço de pão é uma dor inaceitável no coração dos pais, um varadouro sombrio é um caminho sem escola, e uma seringueira sem veia é tristemente desprovida de leite materno, enquanto o lar sagrado curva os joelhos ao chão, na esperança de alcançar a tão almejada justiça social, tão prometida, mas tão distante das minorias sociais marginalizadas da floresta.

Os povos da verde mata são arrebatados com ódio e aversão, essa ordem aversa e repugnante coloca esse obstinado mundo no auge conflitante da desordem, batendo

assim, o martelo malévolo que esfacela o lugar amazônico, anunciando de forma fútil e desregrada o lamentável estágio da derrocada humana.

O eco das batidas excludentes do martelo é ouvido à distância nos pratos vazios de uma mesa faminta, os talheres são as próprias mãos calejadas pelo tempo, e a luz do candeeiro se apaga para que a mãe-da-lua cante a melodia fúnebre das vozes silenciadas da Amazônia brasileira.

BATELÃO, CASA E VIDA – PARTE I



Foto – Marquelino Santana

Ele é um tradicional marcador fluvial internalizado com todas as suas simbologias na alma dos povos ribeirinhos da Amazônia brasileira. As suas imaculadas características culturais flutuam nas veias abertas dos rios da verde mata, metamorfoseando o ser identitário, e permitindo que as coletividades amazônicas usufruam de seus trajetos transfronteiriços para sobreviverem com dignidade.

Ele é uma exímia embarcação transformada generosamente em lar. Lar e embarcação estão divinalmente imbricados e briosamente embelecidos pelas águas estetizantes e pela exuberante matéria mãe florestal. Nessa fulgente florestania da cotidianidade beiradeira dos rios amazônicos, ele avança transportando uma diversidade de produtos e promovendo notavelmente uma rica interação entre a cidade e a mata.

Ele não é símbolo de distanciamento ou aversão aos povos da floresta, não é símbolo de extirpação ou abnegação ao outro, não é símbolo de execração ou infortúnio aos modos de vida tradicionais das populações ribeirinhas, não é símbolo de calamidade ou calvário à poética mitológica dos deuses florestais, e não é símbolo causticante ou calabouço do espaço vivido transcendental daqueles que se utilizam da verde mata e das águas, para enfim, viverem sem degradar o habitat natural da vida.

Ele é um marcador histórico dos antigos seringais amazônicos da Amazônia Sul-Occidental brasileiro-boliviana. Ele era a marca transportadora da famosa péla de borracha natural que atravessava os rios Mamu e Abunã para enfim chegar até a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré no distrito de Abunã no Município de Porto Velho – Estado de Rondônia.

Ele vive entranhado na alma do povo ribeirinho, ele faz parte do imaginário privilegiado das tradicionais coletividades amazônicas, ele navega desmesurado na sua mais transcendental liberdade, e ele é a imagem de um cenário embelecido e estesiante dos rios. Ele é batelão, casa e vida.

BATELÃO, CASA E VIDA – PARTE II



Foto – Marquelino Santana

O batelão é um exímio marcador histórico da fronteira Brasil – Bolívia. Ele é também um marcador fabricado, e mantém um convívio imbricado e harmonioso com as águas da Amazônia Sul – Ocidental, e sem o tradicional percurso aquático o batelão se estabelece imóvel às margens dos rios como que pedindo socorro a humanidade.

Os marcadores “fabricados” são mencionados pela historiadora portuguesa, Isabel Henriques, como espaços de habitação dos homens. Esses espaços de habitação, são segundo ela também o lugar dos produtores, que possuem a obrigação de assegurar a constituição, a conservação e a distribuição das reservas em territórios africanos. A autora expõe que tais escolhas levaram sempre à elaboração de complexas redes de circulação –

os caminhos, construídos pelos homens, que não podem deixar de integrar esta categoria dos marcadores fabricados que sinalizam os territórios.

Além de relevante marcador histórico dos rios amazônicos, o batelão também se tornou um monumento de adoração, de respeito e fé. Por isso ele também é casa e vida, e sem a existência da água, o batelão morre junto com ela na agonia estampada como que a solidão o deteriorasse aos poucos no espaço e tempo.

Sobre os marcadores “históricos” no continente africano, Isabel Henriques nos diz que é possível salientar a importância de alguns tipos de monumentos africanos que podem articular elementos naturais e fabricados e cuja interpretação implica a mobilização da história do grupo.

Dessa forma, o seringueiro em seu espaço de ação foi se constituindo o “ser – aí” numa temporalidade em que foi cotidianamente aprimorando sua essência humana. O ser humano passava a ser seringueiro em sua espacialidade, que por sua vez passava também através do “ser – com”, na sua relação com os demais seringueiros e com a floresta, a extravasar a descoberta da existência do ser.

O batelão preenche o ente, e assim, o ente vai descobrindo novos saberes e fazeres que cotidianamente vai modelando os seus tradicionais modos de vida. Sobre a cotidianidade, Martin Heidegger nos fala que não se deve extrair estruturas ocasionais e acidentais, mas sim estruturas essenciais. Essenciais são as estruturas que se mantêm ontologicamente determinantes em todo modo de ser de fato da pre-sença.

O batelão se tornou um essencial marcador funcional dos antigos seringais amazônicos, proporcionando um convívio de harmonia entre os ribeirinhos e a natureza. No estudo desses marcadores, Isabel Henriques faz referência em particular àqueles ligados à atividade comercial, que, naquela região, desempenhou importante papel na organização das sociedades da África Ocidental e Central, à Sul do Equador. Os caminhos comerciais são considerados pela autora como importantes marcadores funcionais.

O batelão é um elo de forte ligação entre as estradas de seringa, o tapiri e os rios. Esse elo foi a marca primordial responsável pelo escoamento da famosa borracha natural para atender aos caprichos do capitalismo internacional. Os caminhos constitutivos das estradas de seringa tornam-se peculiaridades tradicionais de espacialidades e territorialidades imbricadas nos modos de vida dos seringais. Segundo nos diz Martin Heidegger, ao atribuírmos espacialidade à presença, temos evidentemente de conceber este ‘ser-no-espaço’ a partir de seu modo de ser.

O batelão continua entrelaçado à alma ribeirinha dos rios Mamu e Abunã numa espacialidade fronteira que marcou profundamente a região amazônica. Nesse sentido, conforme nos diz o geógrafo Eric Dardel, é importante ressaltar que *toda* espacialização geográfica, porque é concreta e atualiza o próprio homem em sua existência e porque nela o homem se supera e se evade, comporta também uma temporalização, uma história, um acontecimento.

O batelão está aos poucos caindo na inviabilidade social dos povos da floresta. O batelão está caindo no esquecimento, e talvez quando as águas dos rios retornarem, o batelão poderá navegar como um tradicional símbolo da liberdade ribeirinha da Amazônia brasileiro – boliviana. O batelão vai sim sair da estagnação das dunas e certamente voltará a abraçar a quem tanto ele ama: as águas amazônicas. Só depende de nós!

CANTOS E ENCANTOS DA MÃE-D'ÁGUA BRASIVIANA



Foto – Marquelino Santana

No simbólico mundo ancestral-cosmogônico dos seringais brasivianos do rio Mamu, a floresta pandina boliviana aloja em sua fecunda terra, uma mitológica e transcendental mãe que protege as embarcações e encanta o caboclo sonhador na estesia poética de seus embelecidos devaneios.

Durante as cheias deslumbrantes do mês de março, um batelão avançava cortando as águas do Mamu que se deparou com um imenso tronco de itaúba (*Mezilaurus itauba*) desfilando velozmente e tornando as suas curtas manobras ainda mais perigosas. O choque fora inevitável, e o tronco perfurou o casco da embarcação, confeccionado artesanalmente da madeira de angelim (*Hymenolobium excelsum*), fazendo com que o batelão naufragasse rapidamente.

No batelão estava um casal de ribeirinhos, e o seringueiro estava no intuito de chegar ao Porto Extrema e pedir ajuda à casa mais próxima para enfim alcançar o hospital regional daquele longínquo distrito do Município de Porto Velho no Estado de Rondônia para que a sua mulher pudesse dar à luz.

A família não conseguiu chegar ao seu destino desejado, pois o batelão naufragou próximo ao seringal Palmares, enquanto o casal abraçado, rapidamente desapareceu nas

profundezas do rio Mamu. Desesperado, o pai conseguiu nadar até às margens daquele rio, mas não conseguiu encontrar a sua amada companheira do seringal Jerusalém onde moravam.

O seringueiro decidiu percorrer o percurso do rio, e às suas margens, corria apressadamente, atravessando a mata em busca de encontrar a sua esposa. O ribeirinho narra que durante o seu doloroso trajeto, ele ouvia constantemente uma voz que ecoava dentro da mata, dizendo: - corre que a sua mulher te espera! Ao perder as suas forças ele ajoelhou-se em pranto e esmaecido adormeceu na beira do rio Mamu.

Durante a noite ele sonhou com o velho-da-canoa dizendo: - acorda homem, o seu filho nasceu. Vai buscá-lo. Ele está chorando. Cuida que o regatão vai passar!

O beiradeiro imediatamente correu, e a cerca de 2 quilômetros conseguiu encontrar a esposa e o filho, em paz e com saúde. Angustiado o marido perguntou: - como você conseguiu chegar até aqui? E ela sorridente respondeu: - foi a mãe-d'água que me trouxe.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE II



Foto: Marqueline Santana

O aconchego da casa provoca harmonicamente o embelecimento da alma e os devaneios do imaginário privilegiado do sentimento de lugar. A casa ribeirinha é fabulosa e estesiante, e convive entranhada aos modos de vida das populações originárias e tradicionais da Amazônia brasileira.

A casa invade a alma como se fosse o vento manso soprando por ordem do pai-da-mata, para que a benevolência dessa alma nunca cesse, e possa continuar internalizando os fenômenos transcendentais da natureza colossal. Gaston Bachelard nos ensina que a palavra alma pode ser dita poeticamente com tal convicção que envolve todo um poema, e, portanto, o registro poético que corresponde à alma deve ficar aberto às nossas indagações fenomenológicas.

Bachelard nos instiga a refletir
Na fenomenologia do imaginário
Um produto intrínseco da percepção
Onde a alma do ser pode sentir.
A imagem poética é o luzir
Que emerge da própria consciência
É a pureza do ser em sua essência

Um desdobramento do pensamento
A origem imaculada do sentimento
Encontrada nas temporalidades da vivência

A alma apropria-se do cotidiano na dinamicidade do espaço e tempo. A alma amazônica é desmesurada e fenomenologicamente ontológica. A alma ribeirinha é a incompletude do mundo vivido, justamente porque vai sendo preenchida ao ser do ente, para que o pertencimento não caia na invisibilidade social excludente.

A alma é uma palavra imortal
Assim diz Gaston Bachelard
Microscópica e também elementar
Como fenômeno do ser transcendental.
A alma vai além do espiritual
E quando narrada poeticamente
Ela viaja entrelaçada intimamente
Como o mais peculiar tema.
A alma responde por todo um poema
Que surge no ser divinamente.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE III



Foto: Marquelino Santana

As peculiaridades amazônicas estão concatenadas com a terra mãe. São as singularidades e as pluralidades que constituem um vasto e embelecido encadeamento em busca do bem viver. Dilacerar as relações do homem com a terra é provocar o descalabro e a derrocada das coletividades florestais e os seus sentimentos devaneantes da vida em estesia.

Para o escritor boliviano Pablo Solón, a relevância do bem viver é evitar que as desigualdades se agravem e polarizem a ponto de desestabilizar o todo. Para ele, o fundamental é aprender e reaprender a viver em comunidade, respeitando a multipolaridade de forma tolerante e consciente das relações do homem com a natureza.

Continuar com concepções estereotipadas e estigmatizadoras da vida é execrar a harmonia estetizante do ecossistema planetário, é extenuar o pertencimento do lugar, e exacerbar as relações dos modos de vida originários e tradicionais que sonham em manter viva a florestania.

Pablo Solón nos esclarece que o objetivo do bem viver é a busca do ecossistema entre os diferentes elementos que compõe o todo, como é também a busca da harmonia não apenas entre seres humanos, mas também entre os humanos e a natureza, entre o

material e o espiritual, entre o conhecimento e a sabedoria, entre diversas culturas e entre diferentes identidades e realidades.

O bem viver é a busca por uma forma de vida briosa e holística, que caminhe sem ódio e sem mácula. O bem viver é um trilhar consciente e politizado contra a obliteração nefasta da vida. O bem viver é respeitar os valores ancestro-cosmogônicos do imaginário coletivo das coisas da Amazônia.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE IV



Foto: Marquelino Santana

A harmoniosa e embelecida natureza na sua volúpia inenarrável nos ensina na sua imensurável generosidade que as nossas relações com a mãe terra deve ser impoluta e complacente com a vida.

Essas relações na sua forma divinizada e estetizante propõe nessa celebração briosa dos sentidos que terra e homem convivam entrelaçados nas suas práticas cotidianas. Para o geógrafo humanista brasileiro – Carlos Wálter Porto Gonçalves – Nós devemos incorporar nas nossas práticas cotidianas, como educadores e, portanto, formadores de valores, que temos de visar uma perspectiva planetária, uma perspectiva civilizatória, mesmo agindo no cotidiano, num determinado ligar nesse momento.

Segundo João de Jesus Paes Loureiro, na sociedade amazônica, é pelos sentidos à natureza magnífica e exuberante, que envolve, que o homem se afirma no mundo no mundo objetivo e é por meio deles que aprofunda o conhecimento de si mesmo. Para o mesmo autor, essa forma de vivência, por sua vez, desenvolve e ativa sua sensibilidade estética. Loureiro nos informa ainda que esse comportamento vai satisfazendo as necessidades mais íntimas do espírito e alargando suas potencialidades, num processo em que os homens seguem evoluindo, renovando-se, transformando-se.

Conforme nos esclarece o geógrafo Eric Dardel, da terra vem as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e o seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos.

O relacionamento benévolo do homem com a mãe terra precisa necessariamente ser de volúpia e virtuosidade, e nesse vivificante entranhamento cria-se e recria-se uma visão heterotópica e holística que valorize e respeite as coisas da Amazônia.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE V



Foto: Marqueline Santana

No silêncio da casa ribeirinha entrelaçada à verde mata não há espaço para a xenofobia de fronteira. Não há no aconchegante lugar, espaço para a truculência humana doentia e não há um sentimento odioso e pugnaz que amedronte a natureza vivificante.

A tenaz família ribeirinha não é tacanha, nem subserviente a sociedade envolvente reacionária que procura ameaçar e destruir o bem viver e seus tradicionais modos de vida. A perniciosidade humana atenta cotidianamente contra os valores éticos e morais dessas coletividades, ferindo o imaginário coletivo, exterminando as suas sagradas ancestralidades e obliterando de maneira malevolente as relações ontológicas entre essas briosas populações e a mãe terra em agonia.

A mendacidade de muitos agentes com seus projetos capitalistas neoliberais desenvolvimentistas, torcem de forma ardilosa para o malogro das minorias étnico-raciais e para a derrocada humana de seus sagrados direitos constitucionais vigentes. Dessa forma o labéu dos lacaios, e usurpadores das riquezas florestais, continuam usufruindo de forma ilegal e criminosa dessas riquezas, provocando com suas ações horripilantes o etnocídio planetário da humanidade.

Para o escritor João de Jesus Paes Loureiro, uma das características desse modelo capitalista na Amazônia tem sido as profundas transformações que imprime à natureza, à paisagem e ao homem, na medida em que o sistema de vida é radicalmente conflitado. Segundo no diz Loureiro, é um modelo que leva ao desapossamento do homem, a uma ação desnaturadora da paisagem e seu entorno cultural.

A materialidade e a imaterialidade poetizante dos povos da floresta com seus saberes originários e tradicionais não podem cair no mais fútil apagamento ou na invisibilidade social desejada pela força delituosa do capital exacerbado. O sentimento e o pertencimento de lugar precisam prevalecer no encantatório mundo das singularidades e pluralidades das coisas da Amazônia.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE VI



Foto: Marquelino Santana

Os valores axiológicos do ato de ser, supera a valorização do ato de ter. A ascensão agonizante do capital, ao tempo em que desapossa o homem de suas virtudes benevolentes, altera profundamente os modos de vida das coletividades amazônicas.

A aversão doentia ao outro e o ódio beligerante da sociedade reacionária envolvente, rompe radicalmente com a concatenação entre o ente e a natureza imaculada. Os conciliábulos desumanos acorrentam os princípios constitucionais da liberdade e a deflagração desse conúbio desenfreado provoca uma grave cisão entre o homem e a terra.

O resultado de tudo isso mais parece uma pena de degredo ou a própria desterritorialização de milhares de famílias da autenticidade do lugar. Entre o descalabro e o desregramento secular, as comunidades marginalizadas sobrevivem num verdadeiro estado de desolação e sacrifício, acreditando na esperança de que um dia possam desfrutar dos seus direitos humanos garantidos.

A empáfia do embrutecimento humano trata as coletividades amazônicas com escárnio e desprezo, quer seja no espólio ou na espórtula, as forças dos povos originários e tradicionais parecem extenuar-se diante da malevolência execrada de uma minoria privilegiada que cotidianamente com incúria e negligência, condena as minorias étnico-raciais da Amazônia à derrocada humana generalizada.

Os direitos das coletividades da floresta não devem ser escamoteados, estigmatizados ou estereotipados. O desbrío não pode continuar, a segregação não irá prosperar e a florestania jamais será obliterada pelo ódio. Respeitemos as coisas da Amazônia.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE VII



Foto: Marquelino Santana

No transcendental mundo amazônico, repleto de ritos e mitos, e de suas peculiares e heterogêneas encantarias, os povos da floresta resistem de forma obstinada buscando manter vivas as chamadas sócio-linguístico-culturais de suas ancestralidades ancestro-cosmogônicas que foram de forma milenar apreendidas em seu ser.

A exuberância e viscosidade de originários e tradicionais modos de vida demonstram com clarividência a incansável luta dessas coletividades no sentido de não romperem esses encantatórios laços com a heterotopia dos lugares e ao mesmo tempo dedicarem-se esses ontológicos pertencimentos de bem viver às futuras gerações, que necessariamente precisam internalizar o estetizante sentimento da cultura amazônica.

A cultura amazônica – para o escritor João de Jesus Paes Loureiro – representa uma das mais raras permanências dessa atmosfera espiritual em que o estético, resultante de uma singular relação entre o homem e a natureza, se reflete e ilumina a cultura. Uma cultura, que segundo ele, continua sendo uma luz aurática brilhando e que persistirá enquanto as chamadas das queimadas florestais, provocadas pelas novas empresas que se instalam, com a entrada do grande capital e a mudança das relações dos homens entre si,

não destruírem, irremediavelmente, o locus que possibilita essa atitude poético-estetizante ainda presente nas vastidões das terras-do-sem-fim amazônico.

Paes Loureiro nos alerta com uma relevante e instigante reflexão:

“Analisando-se a cultura amazônica na busca de encontrar o dominante que a mobiliza, depara-se com um verdadeiro universo povoado de seres, signos, fatos, atitudes que podem indicar múltiplas possibilidades de análise e interpretação. Trata-se de um mundo de pescadores, indígenas, extratores consumidos em longas e pacientes jornadas de trabalho”.

Nesse inebriante mundo de riqueza e exploração torna-se urgente e necessário que estejamos seguros diante da agonia avassaladora do capital que humilha e cotidianamente execra as coisas da Amazônia.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE VIII



Foto: Marquelino Santana

A exuberância cósmica das águas se mantém entranhada na alma das coletividades amazônicas. A sua desmesurada viscosidade natural corre de forma transcendental nas veias abertas dos povos da floresta que ao mesmo tempo são materialmente e espiritualmente alimentados pelos devaneios encantatórios de suas poetizantes encantarias.

As águas no autêntico leito divinal
Alimenta os povos da humanidade
E na sua imaculada liberdade
Se transforma numa alma cultural
Seu divino poder transcendental

Faz o boto adquirir nova existência
Esse rapaz de magnífica aparência
É dotado de amor e sedução
Se envolve no calor causticante da paixão
Reconstruindo seu novo espaço de vivência.

João de Jesus Paes Loureiro nos diz que o boto epifanizado em rapaz vestido de branco, pode surgir em uma festa de dança, sem que ninguém o conheça ou o tenha convidado. Segundo Loureiro, ele se destaca pela habilidade na dança e pelas maneiras elegantes como se apresenta vestido. O mesmo autor ainda nos relata o seguinte:

“Ele pode, de outra maneira aparecer no quarto e deitar-se na rede com a mulher que pretende seduzir e amar. Pode também engravidar as mulheres que, estando menstruadas (ou enluadas, segundo a palavra da linguagem cabocla de origem indígena), o tiverem olhando de perto, seja de um tombadilho de um barco, seja de algum lugar à beira do rio”.

O imaginário privilegiado dos povos da floresta torna-se encantador e vivificante. São encantarias transcendentais que em devaneante estado de cosmogonialidade fazem parte relevante da organização do espaço vivido e que mitologicamente enriquecem as coisas da Amazônia.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE IX



Foto: Marquelino Santana

A harmoniosa casa ribeirinha continua fabulosamente embelecidas pelas águas estetizantes e pelo verde fascinante do deslumbramento da verde mata. Nesse mundo que une o homem e a natureza esplendorosa, a colossal família sobrevive de forma generosamente humana.

Uma família briosa e sem mácula, que trabalha entrelaçada à terra, sem desonrá-la e sem maltratar a natureza fulgente. A suntuosidade da mata oferece originalmente o precioso e imaculado alimento divinal. Na beira do rio, o homem entra em devaneio e escuta o melodioso e encantatório canto da mãe-d'água, e ambos são contemplados com o imbricamento amoroso das almas em profunda exaltação.

Nesse complacente e devaneante encontro, a grandeza mitológica do lugar se torna radiante, o ente é tomado de pertencimento, o sentimento brota desenfreado, o chão se torna o espaço do vivido, a terra mãe agradece virtuosa, o bem viver se exalta na volúpia dos sentidos, enquanto a vida verdadeiramente vivida, descansa na inefável paz, que se une maviosamente nos braços dadivosos da liberdade humana em estesia.

Nessa iniludível relação do homem com a terra, o geógrafo Eric Dardel nos diz que habitar a terra, percorrê-la, plantar ou construir é trata-la como um poder que deve ser

honrado, e que cada um dos seus atos é uma celebração, um reconhecimento do laço sagrado que une o homem aos seres da terra, das águas ou do ar. Ainda segundo o mesmo autor:

“ Entre o grupo e a terra, os laços são renovados a cada dia pela circulação da vida que vai do homem para as terras, as plantas e os animais, e que vem da comunidade. Uma mesma corrente de vida circulando na sociedade e na natureza, o homem tem a substância, a matéria, a essência da própria realidade geográfica”.

Na magnitude humana das relações entre o homem e a terra, a vida se torna sublime e desmesurada, ela se torna encantatória e transcendental, e ela se torna de fato, parte necessária e indispensável do ecossistema planetário.

COISAS DA AMAZÔNIA – PARTE X



Foto: Marquelino Santana

A Amazônia exuberante na sua suntuosa viscosidade resiste incansavelmente contra o impacto avassalador de uma sociedade cada vez mais preocupada com o insolente poder do espoliante ato de ter que não leva em consideração as atividades de práticas sustentáveis nas coletividades originárias ou tradicionais dos povos da floresta.

Segundo Donald Sawyer – sociólogo da Harvard University – as práticas de uso sustentável têm forte raízes culturais, baseadas em conhecimentos tradicionais sobre a fauna e a flora. Ele nos diz ainda que os saberes tradicionais são produzidos de forma coletiva, com base em ampla troca de informações, sendo transmitidos oralmente de uma geração para outra, ao menos localmente.

Conforme nos esclarece Donald Sawyer: “Estimular e valorizar o uso sustentável da sociobiodiversidade, por parte de comunidades locais, constitui, portanto, uma estratégia fundamental, se não a única alternativa viável para mitigar as diversas mudanças ambientais em curso e se adaptar às novas realidades ecológicas e econômicas”. Concordamos com Sawyer, visto que a não adoção dessas estratégias poderá acarretar na terra mãe o esgotamento da vida.

Para Ladislau Dowbor – doutor em Ciências Econômicas pela Escola Central de Planejamento e Estatística de Varsóvia – “os dados sobre o esgotamento da vida nos mares, a erosão dos solos, a redução das reservas de água nos lençóis freáticos, a destruição acelerada da biodiversidade, o desmatamento e outros processos estão hoje sendo acompanhados em detalhe, numa demonstração impressionante do que podemos chamar de capacidade técnica e impotência política, pois todos vemos as coisas acontecer, e ficamos passivos, pois não há correspondência entre os mecanismos políticos e a realidade que temos que enfrentar, entre a dimensão dos desafios e os mecanismos de gestão”.

Necessitamos de mecanismos de gestão que não arrebatem as populações originárias e tradicionais dos seus autênticos lugares, que não adotem rancor, ódio é antipatia a essas populações e que não se utilizem de ferramentas beligerantes para destruírem definitivamente as coisas da Amazônia.

COMPELIDOS PELO ÓDIO



Foto – Marquelino Santana

Os ribeirinhos brasivianos do rio Mamu – fronteira Brasil-Bolívia – foram vítimas de uma espoliação fraudulenta e desditosa, imposta por uma maquinação xenófoba internacional que de forma aviltante escorraçou as suas coletividades do lugar, mostrando ao mundo a face desdenhosa de um imbróglia diplomático que culminou com a expulsão humilhante desses extrativistas dos seringais nativos do Departamento de Pando a partir da primeira década do século XXI.

A desapiedade descabida de um Estado nacional tacanho e reacionário, possuído por seus atos belicosos e exacerbados, esfacelou tradicionais modos de vida, provocou a derrocada de inúmeras famílias, desterritorializou remanescentes do primeiro e segundo ciclos da borracha, desalojou almas e seus devaneios poético-mitológicos, arruinou cotidianidades ancestrais, arrancou sonhos e bem viver, e exterminou todo um mundo simbólico-ontológico-cosmogônico da memória coletiva beiradeira.

Na fronteira em pé de guerra ou na guerra silenciada, grupos paramilitares fortemente armados – também usados como massa de manobra – criaram um verdadeiro campo de concentração fluvial, adotaram práticas visivelmente facciosas, transformaram um lugar, até então, virtuoso e impoluto, num lugar ignóbil e tenebroso, execraram a vida e o lar, e

julgaram e condenaram essas coletividades à revelia da declaração universal dos direitos humanos.

Sem os brasivianos as águas e as matas perderam as suas encantarias, as relações estetizantes do homem com a terra foram afrontosamente extirpadas, as peculiaridades culturais foram abominadas sem complacência, os valores ontológicos do ser foram ardilosamente afugentados, e a viscosidade da exuberância cósmica ribeirinha foi perniciosamente condenada ao malogro.

Eles foram alijados e obliterados do lugar, eles foram vítimas de um governo despótico e tirano, eles foram debilitados pela defraudação e degradação humana, eles foram sacrificados por um tratamento hostil e desmoralizante, e eles foram desterrados pela devassidão discrepante da aversão ao outro. Eles foram compelidos pelo ódio.



Foto – Marqueline Santana

O apogeu e a decadência do reinado de Luís XVI na França atravessou uma série de crises que culminou com a triunfante queda do clero e da nobreza pelo Terceiro Estado. Mais tarde a fase do terror encontrou em Robespierre a impiedosa guilhotina que posteriormente também se tornou vítima da própria criação.

Do século XVIII ao século XXI as coisas se modernizaram. No Brasil, por exemplo, até que tentaram criar uma bastilha, mas os arquitetos fracassaram, e o que era para ser uma bastilha, arquitetaram uma armadilha conspiratória repleta de vermes, no intuito de contaminar e deteriorar a carta magna brasileira.

Como se não bastasse, os arpatetas em vez de criarem uma guilhotina, criaram uma fedentina, até porque os vermes se espalharam acentuadamente por entre uma vasta rede de dejetos manipulados. Por falta de saneamento básico os dejetos cresceram tanto que criaram até pernas, e pularam mais do que João do Pulo nas olimpíadas. A primeira fase desse processo foi extinta através do sufrágio universal que derrubou a armadilha conspiratória e suas fétidas latrinas.

Com o retorno da cláusula pétrea ao Brasil – graças a Charles-Louis de Secondat – os parasitas se revoltaram e planejaram contaminar a tríade coluna dos poderes. Mas

de repente surgiu um cavaleiro com seu cavalo bucéfalo e impediu que a coluna fosse definitivamente contaminada. O cavaleiro trazia em sua armadura penal as letras CCCLIX, e não perdoou nem mesmo os expatriados, e todos que estavam cobertos de verde, agora estão todos amarelados por dentro.

O CALABOUÇO DA TERRA



Foto – Marqueline Santana

A Amazônia Sul – Ocidental brasileira não consegue sobreviver arrebatada pelo ódio profundo e pelo rancor e antipatia de um conciliábulo escabroso da sociedade envolvente que continua deflagrando o seu incessante poder bélico-raivoso em desfavor da magnitude sublime da natureza vivificante e de um modelo violentador do homem e de sua heterotópica cultura. Segundo o pesquisador e escritor da Amazônia, João de Jesus Paes Loureiro: “é um modelo que leva, ao lado do desapossamento do homem, a uma ação desnaturadora da paisagem, e seu entorno cultural. Basta observar-se o processo de implantação dos grandes projetos minerais e agropecuários para se ter uma constatação disso”.

Nesse mundo de empáfia e embrutecimento, o espaço vivido amazônico tornou-se uma cortina grotesca de estereótipos e estigmatizações, onde a exacerbada ação predatória humana execra as culturas material e imaterial do lugar, extenuando as forças do caboclo ribeirinho, devastando a mata de sua original sobrevivência, e escamoteando a visibilidade das políticas públicas como forma de exaurir e espoliar a natureza imensurável de suas populações tradicionais.

Paes Loureiro nos conta que essa tradicional população cabocla é desterritorializada e forçada a migrar, perdendo seus elementos identificadores, seus bens, para marginalizar-

se nas cidades, passando de uma vida simples para a pobreza urbana, no paradoxo de situações de carência numa terra de abundância. O eminente autor, ainda nos diz, que como resultado dessa acentuada globalização hegemônica, surge a: “devastação, concentração fundiária, especulação insaciável, ocupação ampla, extensiva e violenta da terra. Numerosas e graves são as consequências para os índios, para a população ribeirinha e outras, que perdem suas terras, suas formas de vida e os componentes paisagísticos que condicionam e nutrem sua cultura”.

A florescência colossal da cultura, tão imensurável e sem mácula, precisa continuar complacente e suntuosa no colo da mãe terra. O caboclo precisa continuar mergulhando em seus peculiares devaneios e dialogando cotidianamente com seus transcendentais deuses mitológicos que faz a floresta virtuosa adormecer. O boto precisa continuar abraçando a mãe-d’água, o caboclinho-da-mata precisa continuar pastorando os seus animais, enquanto no divinal altar da florestania, o pai-da-mata, continuará regendo a orquestra no inefável concerto dos palcos florestais.

Mas se o homem não respeitar o Estado democrático de direito, se os entes federativos não caírem em desregramento, se a globalização hegemônica do capital financeiro não provocar o conflito, a guerra e a violência generalizada, certamente, todos nós iremos criar morada no calabouço da terra.

O ESBULHO POSSESSÓRIO DO LUGAR



Foto – Marquelino Santana

Na embaçadela da vida, o ente humano esfacela-se para livrar-se das alicantinas ardilosas da sociedade envolvente que com as suas manobras ardilosas e insolentes, continuam praticando seus espoliantes malefícios em desfavor dos territórios ancestrais e tradicionais da Amazônia brasileira.

Esse comportamento desajuizado acelera a hostilização ignóbil dos modos de vida das coletividades que dependem da originalidade do lugar para arrancar da terra o sustento sagrado da imaculada sobrevivência. Sem a volúpia virtuosa do lugar, essas briosas populações perdem a exaltação dos sentidos, perdem a axiologia do pertencimento pelo espaço vivido, perdem a empatia encantatória pela natureza, e perdem as mitologias devaneantes de suas transcendentais encantarias florestais.

A casa (Xumitxa) Kaxarari precisa continuar preservada com toda a sua magnitude e exuberância, adormecida sob a proteção divinal do poderoso Deus Tsurá. O guerreiro Huni jamais se renderá aos avanços desenfreados da globalização hegemônica financeira, e continuará lutando pelos ritos e mitos do pertencimento inefável do lugar. A criança Kaxarari continuará transportando o seu precioso mel no pote de barro (mapupahu) trazido do rio Abunawaka, enquanto o seu valente cacicado continuará eternamente defendendo

os direitos constitucionais de suas ancestrais coletividades da Amazônia Sul – Ocidental brasileira.

Em outro lugar, ainda pareço escutar o caminhar devaneante de um intrépido menino beiradeiro em estesia, pisoteando os desmesurados varadouros que maviosamente cortam os mapas mentais dos seringais amazônicos. Com os seus peculiares sapatos de seringa, ele avançava recolhendo o látex das tigelinhas embutidas nas seringueiras e despejando aquele precioso leite num envelhecido balde de flandre que era cuidadosamente transportado até um pequeno tapiri de sua colocação para realizar o árduo processo de defumação da famosa borracha natural. Ainda pareço sentir o cheiro da fumaça do buião.

Não foi possível enfrentar o ódio humano violentador da sociedade envolvente reacionária, não foi possível resistir às ações avassaladoras do capital globalizante do poder financeiro hegemônico, não foi possível imobilizar as forças da violência externa desconstrutora dos modos de vida ancestrais, não foi possível impedir a desterritorialização enfadonha da morte e da perseguição, e não foi possível conter o esbulho possessório do lugar.

O LUGAR DA CASA E A NATUREZA DO LUGAR – PARTE I

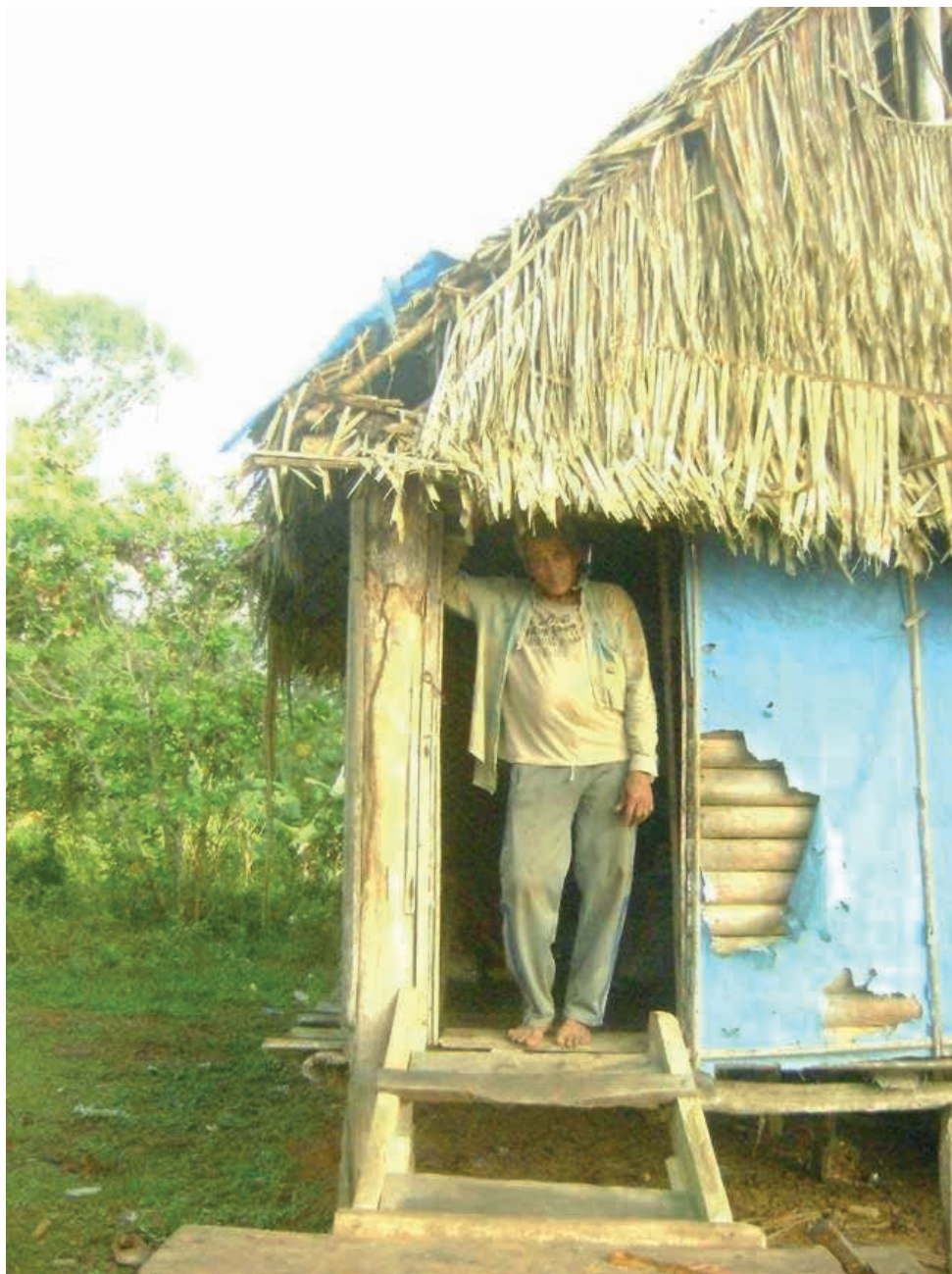


Foto – Marquelino Santana

Entranhada à natureza exuberante e divinizada, a desmesurada casa na sua forma imaginal estetizante, desfruta da singularidade de um lar que na sua fascinante dimensão social é possuidor de um autêntico imaginário privilegiado que na sua célebre exaltação dos sentidos, atribui significado e existência ao pertencimento identitário do lugar.

Para o pesquisador e geógrafo humanista Eric Dardel, é desse lugar, base de nossa existência, que despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspetos, para trabalhá-lo. Dardel nos alerta que a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida é a manifestação do seu ser.

Um ser preenchido nas espacialidades e territorialidades da ação humana, um ser que cotidianamente vai transformando a paisagem, lapidando-a, e dela arrancando o imaculado sustento da vida. Uma vida que começa bem agasalhada no fecundíssimo aconchego da casa, onde brota os originais valores da intimidade ontológica da memória coletiva.

Conforme bem nos instiga o francês Gaston Bachelard, para um estudo fenomenológico dos valores da intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, desde que, segundo o autor, consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental.

O lugar da casa e a natureza do lugar são substâncias ontológicas que alimentam as encantarias florestais, e nesse embelecido e brioso entrelaçamento entre o homem e a terra, é preciso concordar com Bachelard ao dizer que a casa é o nosso canto do mundo e o nosso primeiro universo.

O LUGAR DA CASA E A NATUREZA DO LUGAR – PARTE II



Foto – Marquelino Santana

O embelecido e mavioso lugar ribeirinho faz o caboclo amazônico mergulhar profundamente na transcendentalidade de seus encantatórios devaneios poetizantes. Essa estetizante e colossal harmonia é resultado de uma formidável generosidade que de forma impoluta entrelaça as famílias da coletividade numa suntuosa e complacente união de respeito, tolerância e brandura ao outro.

Essa reflexão de convivência entre as famílias nos faz recorrer ao pesquisador canadense Edward Relph – Professor de Geografia e Planejamento da Universidade de Toronto – que enfatiza a geografia como estudo de lugares que se refere à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo, e também como uma geografia de estudo do lugar que se baseia e ao mesmo tempo transcende nas observações singulares no intuito de esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo.

Nessa peculiar relação com o mundo há um encantador prazer dos sentidos, uma fé e exaltação das divindades mitológicas que preenche de forma sobrenatural a alma das coletividades do lugar. São encantarias ancestro-cosmogônicas que numa simbologia de ritos e mitos evoca a presentificação e representação dos deuses da floresta numa purificação de sentimento de devoção do transcendental poder da espiritualidade.

Sobre o espírito de lugar, Edward Relph nos esclarece que é uma ideia que deriva da crença, onde determinados lugares foram ocupados por deuses ou espíritos cujas qualidades sobrenaturais se tornaram evidentes. O mesmo autor, nos diz ainda que o espírito de lugar é uma identidade muito forte e todas as partes parecem funcionar perfeitamente em conjunto. Podemos, então, dizer, que há um poderoso entranhamento entre o lugar da coletividade, a espiritualidade, a casa e o lar.

É na impoluta casa onde vive o complacente lar, e nessa volúpia e virtuosidade da vida em família, é onde nasce o sentimento imaculado do amor. E como bem ressalta Relph: “o lar é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence. A ausência de lar pode nos levar à saudade”.

O LUGAR INOFENSIVO



Foto – Marquelino Santana

No espaço vivido o homem é imbricado no espaço e tempo. Esse imbricamento é resultado de um vasto processo histórico-geográfico que preenche o ente de valores ontológicos oriundos de uma rede de pertencimentos sócio-linguístico-culturais herdados de uma ancestral cotidianidade civilizatória.

As populações originárias e tradicionais da Amazônia brasileira continuam sobrevivendo frente ao avanço desenfreado da globalização, intensificados principalmente a partir do século XX. Os países hegemônicos com a adoção exacerbada do capital, perpetuaram-se na dominação e exploração dos países periféricos, se utilizando de meios predatórios que culminaram na desterritorialização e eliminação das coletividades amazônicas em agonia.

O resultado dessa concentração desumana dos capitais nacional e internacional, gerou e continua gerando uma espécie de tablado de execução que de maneira horripilante vai ceifando a originalidade do lugar e condenando milhares de coletividades ao infortúnio e a absurdez aviltante do esfacelamento social de originários e tradicionais modos de vida que atualmente estão sobrevivendo à revelia da vida.

Esse árduo e reacionário processo de uma globalização desnudada de alma é o resultado desditoso de um conjunto de estratégias imposto por poderosas corporações financeiras e conglomerados industriais que atuam na Amazônia sem levar em consideração o bem-estar social das coletividades. Essa situação vigente não deve exalar abominação e muito menos colocar em risco as atividades benevolentes de um bem viver amazônico que só que ter o direito de existir sem causar nenhuma ruptura com a terra mãe planetária.

Uma terra mãe que nunca desejou desalojar os filhos seus, que nunca desejou execrar os seus modos de vida, que nunca desejou balbúrdia nem malevolência à sua gente, e que sempre desejou que o lugar de suas coletividades florestais fosse sempre um lugar inofensivo.

O MUNDO SIMBÓLICO DAS ÁGUAS



Foto – Marquelino Santana

As populações tradicionais e originárias da Amazônia brasileira não abdicam ao direito de viverem entrelaçadas ao simbólico mundo de seus lugares e às suas divinas ancestralidades e representações cosmogônico-mitológicas dos estetizantes e embelecidos modos de vida suntuosamente imbricados no frescor das águas.

Sobre o frescor das águas, Gaston Bachelard - filósofo francês de Bar-sur-Aube – nos diz que a todos os jogos das águas claras, das águas primaveris, cintilantes de imagens, é preciso acrescentar um componente da poesia das águas: o frescor. Para o geógrafo francês Erich Dardel, as águas, pela sua mobilidade, pelo salto soletrado da corrente e pelo movimento ritmado das vagas, elas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação.

Essa fascinação harmoniosa e embelecida das águas amazônicas que briosamente preenchem as veias dos rios, também se estendem a outros mundos, a outros espaços e a outras vidas. João de Jesus Paes Loureiro nos esclarece que o rio é o fator dominante nessa estrutura fisiográfica e humana, conferindo um ethos e um ritmo à vida regional. Segundo Loureiro, dele dependem a vida e a morte, a fertilidade e a carência, a formação

e destruição das terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, a política e a economia, o comércio e a sociabilidade.

Para o sociólogo brasileiro Octavio Ianni, a Amazônia está no imaginário de todo o mundo, como a vastidão das águas, matas e ares; o emblema primordial da vida vegetal, animal e humana; o emaranhado de lutas entre o nativo e o conquistador; o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; o nativismo e o nacionalismo; a ideia de um país imaginário; o paraíso perdido; o eldorado escondido; a realidade prosaica, promissora, brutal e uma interrogação perdida em uma floresta de mitos.

Nambu Macurap fez os rios Guaporé e Mamoré riscando com os pés, enquanto que Paricot Aruá encontrou o olho da água com o pauzinho e furou até abrir. A água correu pelo mundo e deixou o Guaporé mais largo e o Mamoré mais violento. Kuraherioti Jabuti é também o dono da água, a água é tampada com uma pedra e é distribuída aos homens conforme a sua vontade. Wawãpod Ajuru também era dono dela, e regravava a água com uma cobra que era uma espécie de torneira, tendo muito cuidado com a sua distribuição.

À humanidade coube o dever de cuidar da água e dela arrancar o seu sustento. A água precisa ser utilizada sem mácula, sem aversão, sem execração, sem infortúnio e sem belicosidade. A dadivosa água está sendo defraudada, os rios maviosos e inefáveis estão sendo extirpados, os saberes originários estão sendo hostilizados, enquanto as nossas vidas estão sendo exauridas diante do impropério e da incúria ardilosa da derrocada humana.

OS GARGALOS DA FLORESTANIA



Foto – Marquelino Santana

O distanciamento do Estado de direito com a verde mata, provoca uma espécie de desregramento das leis de proteção ao meio ambiente. A aversão humana à mata gera uma extirpação e abnegação aos valores ontológicos do lugar amazônico.

O lugar sente-se absorto e asfixiado diante de ações malevolentes e afrontosas às leis vigentes que protegem a floresta. Os povos, antes resistentes e obstinados, não estão encontrando mais forças para enfrentar o avanço desenfreado da sociedade envolvente que cotidianamente cometem os infortúnios dos crimes ambientais em ascensão.

A execração e alijamento do homem e do lugar transformou-se numa verdadeira balbúrdia e um estado fortalecido pelo ódio e pela belicosidade incessante dos habitats naturais da floresta. Os bravateamentos não cessam, as catástrofes estão imperando,

enquanto a dor e o calvário causticante das populações originárias e tradicionais da Amazônia continuam colocando em desespero aqueles que sobrevivem da matéria mãe florestal.

A calamidade clarividente dos desterrados é o resultando de um poder hegemônico dominante que coíbe a liberdade humana, que destrói sem comiseração, que ataca sem complacência, que intimida com defraudação, que permite a degradação, e que provoca com delinquência a derrocada humana em profundo estado de desprezo e desilusão.

Resta-nos de forma lúcida e consciente combater a vigência do desdém, combater o sentimento de tristeza e frustração, evitar a ruína generalizada do lugar, e somente evitando essas ações fúteis e desmoralizantes, é que podemos, enfim, atenuar a devassidão dos gargalos da florestania.

OS VALORES ONTOLÓGICOS DO SER



Foto – Marquelino Santana

A axiologia nos ensina que os valores singulares e plurais da sociedade precisam ser ontologicamente valorizados e apropriados no ser do ente humano. Precisamos evitar de forma justa e consciente as apropriações malévolas de estereótipos e estigmatizações que podem nos levar à própria derrocada humana e a nos apoderarmos da ignobilidade do processo de aversão e degradação do outro.

Na hermenêutica das peculiaridades transcendentais dos povos originários da Amazônia, as populações indígenas continuam lutando e resistindo para manterem vivas os seus ancestrais modos de vida sócio-linguístico-culturais através de seus ritos e mitos nas malocas, com as suas bebidas tradicionais tipo a chicha, a caiçuma koiá, dentre outras, e dessa forma continuarem internalizando os fenômenos ancestral-cosmogônicos da parteira, do cacicado e da pajelança.

O filósofo Martin Heidegger ressalta que no sentido fenomenológico, fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente. É na concatenação da casa com o homem e com o lugar vivenciado que este ente vai cotidianamente preenchendo o seu ser. Não importa se é no sentimento do belo ou no sentimento de angústia, pois na verdade ambos os sentimentos invadirão o ser e se alojarão na alma.

Esses mesmos sentimentos e pertencimentos se alojaram na alma das coletividades tradicionais dos seringais amazônicos. O seringueiro saía do tapiri para cortar seringa ainda pela madrugada com a sua imaculada poronga na cabeça. Depois das tigelas cheias, ele fazia a colha, comia uma farofa de cutia, ao chegar em casa tomava um chibé ou jacuba, e em seguida iniciava o árduo processo de defumação da borracha, sentindo o cheiro da fumaça do buião. Durante a noite era a vez de contar as suas histórias, ouvindo o canto temeroso do Urutau, e narrando aos filhos as mitológicas encantarias do pai-da-mata, do boto, da mãe-d'água, do caboclinho-da-mata, da mãe-da-seringueira, dentre outras seculares narrativas.

Conforme narra João de Jesus Paes Loureiro – A arte como encantaria da linguagem – “ Na Amazônia inventamos nossos mitos encharcados de poesia para podermos viver na desmedida solidão de rios e florestas. Mitos de encantados que são o próprio recolhimento da palavra no sagrado dos mitos, até que a palavra se torne, ela mesma, o sagrado que se mostra na poesia”.

Essa mitológica poética estetizante dos povos da floresta e suas heterotópicas relações com a terra mãe, não devem cair na invisibilidade, as coletividades da verde mata não podem ter as suas almas desalojadas pela sociedade reacionária envolvente, ao tempo, em que precisam continuar sentindo no espaço vivido, os valores ontológicos do ser.

PECULIARIDADES DO MUNDO RIBEIRINHO



Foto – Marqueline Santana

Na volúpia da imaginação ribeirinha, a mãe terra na sua briosa generosidade jamais se negou a fecundar o pão da vida para suntuosamente alimentar os filhos seus. Apesar do ódio e aversão oriundos de uma sociedade envolvente hostil, a mãe terra continua sobrevivendo na sua iniludível benevolência, mesmo sendo cotidianamente obliterada pela delinquência humana doentia.

Na divergência clarividente entre a mácula escabrosa das forças externas hegemônicas e o mavioso e deslumbrante mundo ribeirinho, a resistência pelo apego ao lugar tradicional está condenada ao malogro e ao descalabro desmoralizante da vida. Nessa incessante degradação da vida, o sentimento e o pertencimento pelo lugar estão sendo cruelmente ceifados pela catástrofe degradante dos velórios florestais.

A concatenada relação divina entre o homem e a terra está sendo visivelmente dilacerada, o ecossistema está entrando em extinção, e os devaneantes símbolos da imaginação ribeirinha estão sendo extirpados e desalojados dos valores ontológicos da alma. Sem a maviosidade das águas, sem o remanso irradiante de suas lindas manobras, sem os encontros imensuráveis de suas exuberantes cores, e sem esse alimento materno

mais precioso, o homem ribeirinho aos poucos vai sentindo a angustiante dor do ecocídio planetário.

A relação plurissignificante de harmonia estesiante entre as populações ribeirinhas e a viscosidade poética das águas são de fato indissociáveis, e esse fenômeno holístico, cosmopolita e transcendental é uma dádiva herdada a história da humanidade. O geógrafo e escritor Eric Dardel nos diz que o domínio das águas, inseparável do espaço verde, está do lado da vida. Para ele as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação: há uma palavra que encanta e uma substância que atrai.

Os tradicionais povos ribeirinhos metamorfosearam o seu espaço de ação, construíram e reconstruíram os modos de vida do lugar, e nessa fenomenológica rede de ação, continuam fecundando com respeito e brandura, o precioso e imaculado útero da mãe terra divinal.

RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA DA GUERREIRA BRASIVIANA



Foto – Marquelino Santana

As populações tradicionais ribeirinhas da fronteira Brasil – Bolívia são exemplos peculiares de resistência, empoderamento e resiliência que durante séculos tem demonstrado possuir uma grande generosidade com relação ao outro, e ao mesmo tempo, combater sem mácula, a xenofobia esdrúxula da sociedade envolvente.

Durante a primeira década do ano 2000, os seringais pandinos brasivianos foram invadidos por milicianos armados, ao tempo, em que expulsavam violentamente os seringueiros de seus lugares, e ainda se apoderavam ilegalmente de todos os bens materiais por eles adquiridos. A situação foi se agravando de tal forma que os milicianos que se intitulavam Zafreiros, deixaram várias famílias como reféns na comunidade Puerto Bolívar, passando por sérias privações e por ações humilhantes e xenófobas.

Naquele momento ardil e belicoso, uma ribeirinha brasiviana de aproximadamente 20 anos de idade, estava num batelão ao lado dos pais e com a sua filha de apenas sete meses no colo. Temendo acontecer o pior, ela teve a ideia de dizer aos milicianos que precisava ir ao banheiro com a criança, e logo recebeu a autorização. Ela havia avisado aos pais do seu plano: sair do rio Mamu, adentrar na mata, seguir por uma antiga de

estrada de seringá, percorrer um extenso varadouro, até chegar às margens do rio Abunã, próximo ao distrito de Extrema de Rondônia.

A ribeirinha era neta de um exímio mateiro, e sabia perfeitamente que a viagem por terra se transformaria praticamente na metade da viagem, caso o percurso fosse realizado por batelão nas águas dos rios Mamu e Abunã. A coragem e a valentia daquela mulher não foram em vão. A jovem seringueira ingressou na mata escura ainda pela madrugada, e no final da tarde, lá estava a mulher com a filha no colo na beira do rio Abunã, que foi transportada de barco por parentes e amigos que se encontravam no Porto Extrema e que a avistaram pedindo socorro.

No dia seguinte a guerreira brasiviana do rio Mamu procura o projeto ética e cidadania no distrito de Extrema e narra os fatos ocorridos naquela fronteira em pé de guerra. Os integrantes do projeto informaram os acontecimentos ao Consulado Brasileiro em Cobija que imediatamente repassaram as informações a Embaixada Brasileira em La Paz e ao Ministério das Relações Exteriores em Brasília. Não demorou muito para a área diplomática dos dois países se reunirem em Extrema de Rondônia e buscarem uma solução pacífica para esse beligerante conflito internacional na fronteira Brasil – Bolívia.

SOBRE AS ÁGUAS DO ILÍCITO



Foto – Marquelino Santana

As embelecidas águas da fronteira Brasil – Bolívia promove uma fascinação deslumbrante ao ser do ente humano. Ornada de flores, elas seguem formidavelmente correndo na sua briosa e colossal liberdade fronteiriça. As suas correntes imensuráveis são impolutamente contempladas pelas generosas famílias beiradeiras que as protegem dos malefícios horripilantes das agressões externas.

Os lares ribeirinhos são os verdadeiros guardiães da mata e dos rios. São os virtuosos vigilantes que sem ódio e sem mácula cuidam de maneira complacente da natureza esplendorosa e da mãe terra em estesia. Cada tapiri fincado às margens do rio é como se fosse uma bandeira nacional hasteada, sinalizando a honra fiel e soberana da democracia internacional. Cada casebre de palha com assoalho de paxiúba, além de ser uma tradicional marca humana e cultural do lugar, é também um relevante “radar” de alerta contra os pacotes nebulosos das desgraças oriundas de organizações criminosas.

A inexistência de um multilateralismo diplomático, inclusivo e protetor das populações ribeirinhas nas áreas de fronteira, faz com que essas coletividades amazônicas sejam cruelmente arrebatadas do lugar. Desterradas da terra mátria, essas famílias sofrem com

o descalabro e aversão, e são de forma insolente, condenadas ao degredo trabalhista da semiescravidão do latifúndio da grilagem hostil e aterrorizante da terra.

O despovoamento ribeirinho contribui nocivamente para a decadência de relações diplomáticas que promova a segurança e a inclusão dessas populações que sobrevivem à revelia dos países vizinhos que desconhecem e desvalorizam os valores ontológicos da existência humana dos povos amazônicos. Banalizando os marginalizados fronteiriços, os chefes de Estado continuam marchando na lentidão de uma geopolítica caduca e estereotipada, visivelmente responsável pelo desregrado distanciamento entre as mazelas estatais e os modos de vida dessas populações.

Enfim, sem a volúpia da casa ribeirinha, o rio perdeu seus filhos, perdeu a companhia de seus autênticos guardiães e perdeu o olhar inefável de suas coletividades. Agora, as veias abertas do rio, não são mais cortadas pelo amor das embarcações ribeirinhas, agora, elas são envenenadas pela estranheza delinquente de travessias delituosas e por raras viagens que passam sobre as águas do ilícito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB SABER, Aziz N. **Os domínios da Natureza no Brasil: Potencialidades paisagistas**. São Paulo: Ateliê, 2003.

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. 1º edição. São Paulo: Annablume, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B de. **Exportações das tensões sociais na Amazônia: Brasivianos, Brasuelanos e Brajolas – Identidades construídas no conflito**. São Paulo, Travessia – Revista do Migrante – CEM, ano VIII, nº 21, janeiro – abril, p. 28 – 31, 1995.

ALMEIDA SILVA. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawaib da Terra Indígena Uru – Eu – Wau – Wau em Rondônia**. São Paulo. Paco Editorial, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. **A Poética dos Devaneios**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. **A Terra e os Devaneios da Vontade**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

_____. **A Água e os Sonhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo. Editora HUCITEC, 1986.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 3ª edição. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

BAHIA, Cláudio Lister Marques. **Identidade, lugar e paisagem cultural**. In: **3º Colóquio Ibero – Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e Perspectivas**. Belo Horizonte: PUC Minas, Setembro, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BECKER, Berta Geopolítica da Amazônia: **A nova fronteira de recursos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BLACHE, Paul Vidal de La. **Da interpretação geográfica das paisagens (1908)**. Neuvième International de Géographie. Compte rendu des travaux Du Congrès, Genebra. Société générale d'imprimerie (18), 1911, pp. 59-64. Tradução: Guilherme Ribeiro. HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sérgio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. (ORGS). In: **VIDAL, VIDAIS. TEXTOS DE GEOGRAFIA HUMANA, REGIONAL E POLÍTICA**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BUSS, Alcides. **Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética**. Florianópolis, Fcc Edições, 1981.

CARVALHO, Carlos. **História Social da Borracha – Seringueiros do Acre**. Porto Alegre, Ed. Do Autor, 2005.

- CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. São Paulo. Perspectiva, 1992.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e terra, 1999.
- CITELLI, ADILSON. **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Editora Ática, 2007.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, Editora UFSC, 2014.
- CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.
- CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética**. São Paulo, Editora Cultrix, 1974.
- COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolíticas: discursos sobre o território e o poder**. 2ª edição. São Paulo, Ed. USP, 2008
- DANTAS, Kelen Gleyse Maia Andrade. **Nas Fronteiras da “Terra Prometida”: trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre**. Dissertação de Mestrado, Rio Branco, 2009.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo, Perspectiva, 2015.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante – saber pensar e intervir juntos**. Brasília, Líber livro, 2004.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo, Editora Atlas S.A, 2009.
- ESTEVES, B. M. G. **A Hierarquização dos Espaços Agrários na Amazônia Sul-Occidental**, Presidente Prudente: Revista..Nera, A. 8, N.7, 2005.
- FERREIRA, José Fernandes. **Filosofia da reflexão poética**. 1ª edição. Impressão particular. Fortaleza, 1988.
- FILHO ERNESTO, Pedro. **Por dentro da cantoria**. 1ª edição. Fortaleza: Ademir Costa editor. Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013.
- _____. **Cidadania do repente**. 1ª edição. Fortaleza: Programa cultura da gente. Banco do Nordeste do Brasil, 2007.
- FREITAS, Norma Sueli Simeão. **Os “Soldados de cristo”: Igreja e migração para a Amazônia em tempos de guerra (1942 – 1943)**. Fortaleza, 2015.
- GOIS, Sarah Campelo Cruz. **O Núcleo do Porangabussu a partir de suas moradoras**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.
- FOCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- Gabarrón, Luís R; Landa, Libertad Hernandez. **O que é pesquisa participante? In: Pesquisa participante – o poder da partilha**. Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu. Ideias e letras, São Paulo, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos – SP. Pedro & João editores, 2010.

_____. **Ancoragens: Estudos Bakhtin anos**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. **Arenas de Bakhtin: Linguagem da Vida**. São Carlos: Pedro & João editores, 2008.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**. Porto Alegre. Artmed, 1997.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais**. Porto Alegre, Artmed Editora, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **O que quer o que pode esta língua?** In: Correa, Djane Antonucci. **A Relevância Social da Linguística: Linguagem, Teoria e ensino**. São Paulo. Parábola, 2007.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: Leitura e análise de poesia para crianças**. São Paulo, Cortez Editora, 2002.

GNERRE Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo. Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Regional – Global: Dilemas da região e da regionalização da Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2016

_____. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre, Mercado aberto, 1988.

_____. **Viver no limite**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

_____. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. Niterói, EDUFF, 1998.

_____. **Blocos internacionais do poder**. São Paulo, Contexto, 1994.

_____. GONÇALVES-PORTO, Carlos Walter, **A nova desordem mundial**. São Paulo, Ed. UNESP, 2005.

Hall, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Lamparina, 1992.

_____. Ética na política. In: **No mundo da linguagem**. SSEVERO, Cristine Gorski; Paula, Adna Cândido; São Carlos, Pedro & João Editores, 2010.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Percursos da Modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações Sociais no século XIX**. Lisboa, IICT/ICP, 1997. Versão portuguesa de Commerce et changement en Angola au XIXe siècle. Imbangala et Tshokwe face à la modernité. Paris, L'Harmattan, 1995 ,2 volumes; “L’urbanisation commerciale en Angola au XLXe siècle”, in Universo urbanístico português 1415-1822, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 313- 330; “**Comércio e organização do espaço (c. 1870-1950)**”, in **Actas da III Reunião Internacional de História de África- A África e a instalação do sistema colonial, 1885-1930**, Lisboa, nCT, 2000, pp. 71-90.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e Identidade. A construção da Angola colonial (c. 1872-c. 1920)**. Lisboa, CHUL, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

_____. **Que é isto filosofia? Identidade e diferença**. São Paulo, Lumiar das cidades, 1971.

_____. **Os problemas fundamentais da Fenomenologia**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

_____. **Ontologia – Hermenêutica da facticidade**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

_____. **Ser e verdade**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

_____. **Marcas do caminho**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

_____. **Sobre a essência da linguagem**. Petrópolis, Editora vozes, 1999.

_____. **A essência da liberdade humana: Introdução à Filosofia**. Rio de Janeiro, Viaverita Editora, 2012.

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente**. In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: Ensaio de Geografia fenomenológica. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. Tabela 2.8.1 – **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões**. As microrregiões, os municípios e os distritos. Rondônia, 2010.

Jornal – **O Estadão do Norte. Famílias brasileiras estão em poder de ‘guerrilheiros’ bolivianos**. Antônio Araújo Queiroz. Matéria exibida em 203/01/2008.

Jornal Folha de São Paulo. Matheus Pichonelli, 2008.

LESLIE, Paul Thiele. **Martin Heidegger e a política pós-moderna**. Lisboa, Instituto Piaget Editora, 1995.

LIMA, Geórgia Pereira. **Brasivianos: Culturas, fronteira e identidades**. XXVIII Simpósio Nacional de História, 27 a 31 de julho, p. 10, Florianópolis – SC, 2015.

LINS, A. Estellita. **Linguagem Internacional e Diplomacia**. Brasília: Escopo Editora, 1987

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário**. São Paulo, Escrituras, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira – A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo, Editora contexto, 2009.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como poíesis**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 2ª edição. São Paulo: Cortez editora, 1999.

_____. **Multiculturalismo revolucionário: Pedagogia do dissenso para o novo milênio**. 1ª edição. Porto Alegre; Artmed editora, 2000.

MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MARANDOLA Jr, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Martins Fontes, 2015.

Ministério das Relações Exteriores – MRE. **Instrumento executivo entre o Governo da República Federativa do Brasil, o Governo da República da Bolívia e o escritório regional para o Cone Sul da Organização Internacional para Migrações (OIM)**. Brasília – DF, 2008.

MIRANDA, Everton; NABOZNY, Almir. **Paisagem e Identidade**. In: **Anais Semana de Geografia**. Ponta Grossa:UEPG, Vol. 1, Nº 1, p. 111-115, 2014.

MORAES, Raquel de Almeida. É possível uma linguagem crítica na educação? Brasília. Revista linhas crítica/UNB. Volume 12, Número 203. Dez/2006.

MOLES, ABRAHAM. **O cartaz**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

MORGA, Antônio Emílio. **Violência masculina no mundo do seringal**. Ponencia presentada en el V Coloquio de Estudios de Varones y Masculinidades. 14-16 enero 2015, Santiago de Chile.

MORGA, Antônio Emílio; LAGE, Mônica Maria Lopes. **Vidas cotidianas das mulheres nos seringais do Amazonas**. Santiago. Revista del CEHIM, ANO 10, Nº 10, Nueva época, 2014.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças, S. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo, Terceira Margem Editora Ltda., 2000.

OLIVEIRA, Livia. **O sentido de lugar**. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

PROCÓPIO, Argemiro. (ORG). **Relações internacionais: Os excluídos da arca de Noé**. São Paulo: Hucitec, 2005.

Projeto Ética e cidadania. Escola Jayme Peixoto de Alencar. **Arquivos históricos**. Extrema - RO, 2005.

RANZI, Pedr. **Vamos falar o acreanes**. Rio Branco, Edufac, 2017.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, Aspectos e Essência de Lugar**. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

www.onoticiario.com.br Nelson Townes. Porto Velho – Rondônia.

www.rondoniaovivo.com.br, **A sentinela do Abunã. A História de Francisca**. Matéria exibida no site em 02/06/2012.

SANTANA, Carlos César; SOUZA, Israel Pereira Dias de. **Disputas e reconfigurações territoriais na Amazônia-boliviana: um estudo sobre o Departamento de Pando**. II encontro da sociedade brasileira de sociologia da Região Norte – 13 a 15 de setembro de 2010. Belém.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (ORG). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos**. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e centro de estudos sociais. Revista crítica de ciências sociais, junho/1997.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Jandir Silva dos. **Filosofando**: revista de filosofia da uesb. ANO 1, número 1, janeiro-junho de 2013, ISSN: 2317-3785.

SAUER Sérgio; WELLINGTON Almeida. (ORG). **Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas**. 1º edição. Brasília:

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial**. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2009. Editora UNB, 2011.

SARAMAGO, Lúcia. Como ponta de lança: **O pensamento do lugar em Heidegger**. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

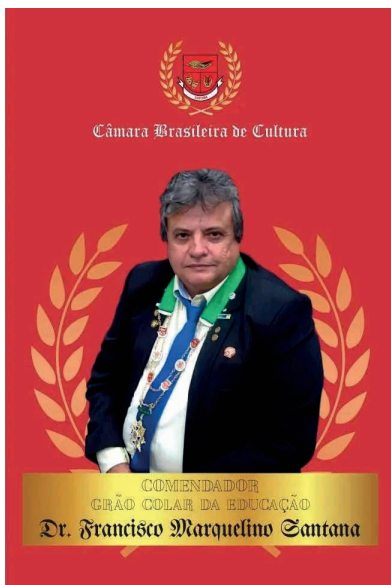
SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da Borracha**. 1ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.2007.

SEEMAN, Jorn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **O compromisso da Pós-Graduação em Educação com o conhecimento e com a prática na formação do Professor**. In: **Pensando a Pós-Graduação em Educação**. Piracicaba, Editora UNIMEP, 1996.

SILVA, F. C. **Geografia e poesia lírica: considerações sobre A poética do espaço, de Gaston Bachelard**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 060 - 075, 2015..

- SILVA, Josué da Costa. **Mito e lugar** – Parte V. Revista de educação, cultura e meio ambiente- set. –Nº 13, Vol. II, 1998.
- SILVA, Josué da Costa Silva. **Cuniã: Mito e lugar**. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.
- SILVA, Sidney Antônio. (ORG). **Migrações na Pan – Amazônia: Fluxos, fronteiras e processos socioculturais**. São Paulo, Hucitec, 2012.
- SILVA, Sílvia Simone da. **Resistencia Camponesa e Desenvolvimento Agrário – uma análise a partir da realidade amazônico-acreana**. Rio Branco, EDUFAC, 2011.
- SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e Multiculturalismo**. Ijuí, editora Unijui, 2003.
- SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. Psicologia USP, v. 17, n. 2. São Paulo, 2006.
- SUERTEGARAI, Dirce Maria Antunes; PAULA, Cristiano Quaresma de; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino; SILVA, Charlei Aparecido da Silva; **Orlando Valverde – O geógrafo e sua obra**. 1ª edição. Porto Alegre: Geociências – UFRGS, 2017.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo, editora ática, 2008.
- SOBOTTKA, Emil; EGGERT Edla; Streck, Danilo R. **A pesquisa como mediação político – pedagógica – Reflexões a partir do orçamento participativo**. In: **Pesquisa participante – o poder da partilha**. Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu. Ideias e letras, São Paulo, 2006.
- SOUZA, Raimundo F. **Arigó**. São Paulo, Scortecci, 2004.
- SOUZA, Charles Benedito. **Geopolítica na Pan – Amazônia: Territórios, fronteiras e identidades**. Revista geoamazônica, N. 2. V.01. Belém. 2014.
- SOUZA, C. Alberto. **História do Acre – Novos temas, Nova abordagem**. Autor & Editor, Rio Branco, 2006.
- WAGNER, Philip L; MIKESELL, W Marvin. **Os temas da Geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.
- WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da Floresta: outras tantas histórias**. Revista Estudos Amazônicos • vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.



FRANCISCO MARQUELINO SANTANA

É doutor em Geografia Pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus Porto Velho e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura Amazônica – GEPCULTURA, do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNIR e pesquisador sobre Geografia Poética, bem viver e Fenomenologia Poética Ontológica das populações originárias e tradicionais da Pan – Amazônia. Professor, poeta, escritor, cronista e colunista dos sites newsrondonia.com.br, rondoniaovivo.com,

e ecoamazonia.org.br. Marqueline Santana reside no distrito de Extrema – Município de Porto Velho no Estado de Rondônia e é autor da trilogia poética “Poemas da Vida Amazônica”: Morte e vida seringal, Etnocídio e Resistência dos povos indígenas e Escola e bem viver; e também dos livros: “Seringueiros brasivianos do rio Mamu”; “Crônicas da Pan – Amazônia”; “Amazônia Castigada”; e “Amazônia singular e plural”; dentre inúmeros artigos e capítulos de livros publicados. O autor é ainda membro – comendador da Câmara Brasileira de Cultura e pesquisador do grupo de pesquisa Geografia Política, Território, Poder e Conflito da Universidade Estadual de Londrina.

AMAZÔNIA

Terra e Gente



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2025

AMAZÔNIA

Terra e Gente



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2025